

A Psicologia Clínica e a Prevenção das Doenças da Beleza na Sociedade Brasileira Contemporânea

Vannini de Medeiros Mendes Ribeiro

Monografia apresentada à FACES do Centro
Universitário de Brasília - UniCEUB como requisito
parcial à conclusão de Curso de Psicologia
Professora Orientadora: Dra. Ana Flávia do Amaral
Madureira

Brasília - DF

Dezembro de 2016



A Psicologia Clínica e a Prevenção das Doenças da Beleza na Sociedade Brasileira Contemporânea

Vannini de Medeiros Mendes Ribeiro

Monografia apresentada à FACES do Centro
Universitário de Brasília - UniCEUB como requisito
parcial à conclusão de Curso de Psicologia
Professora Orientadora: Dra. Ana Flávia do Amaral
Madureira

Brasília - DF

Dezembro de 2016



Folha de Avaliação

Autora: Vannini De Medeiros Mendes Ribeiro

Título: A psicologia clínica e a prevenção das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira

Professora-Orientadora

Profa. Me. Morgana de Almeida e Queiroz

Prof. Dr. Fábio Henrique Vieira De Cristo e Silva

Brasília – DF

Dezembro de 2016

Agradecimentos

Aos meus pais, por todo apoio e carinho de sempre. Por sempre me impulsionarem a correr atrás do que acredito e por me ensinarem a ter coragem e serenidade para enfrentar os obstáculos que aparecem na vida.

Ao meu pai, agradeço por todo o conhecimento que me transmite, por todas as conversas a respeito do meu tema, que me renderam inúmeras idéias. Você é brilhante, pai!

A minha mãe, agradeço por ser uma mulher forte e corajosa, que me ensina todos os dias a importância de acreditar em si mesmo. Você é minha inspiração, mãe!

Aos/as amigos/as que fiz no início da graduação na Universidade de Fortaleza – Unifor, minha primeira base acadêmica, antes da transferência para o Uniceub. Obrigada por todo apoio e pela amizade que se mantém mesmo com toda a distância. Jamais esquecerei vocês!

Aos/as amigos/as do Uniceub, que me acolheram e tornaram esses últimos semestres mais divertidos e prazerosos. Obrigada por toda ajuda e companhia de sempre!

Aos/as amigos/as de longa data que estão sempre comigo não importa o que aconteça. Obrigada por toda a paciência e carinho, vocês são incríveis!

As participantes desta pesquisa, que foram muito solícitas e me proporcionaram novos conhecimentos a respeito do tema.

Por fim, agradeço, aos/as meus/minhas professores/as da Universidade de Fortaleza e do Uniceub, em especial, a minha Professora Orientadora Ana Flávia do Amaral Madureira que me marcou durante toda a graduação, sendo uma inspiração por encantar seus orientandos/as com o seu vasto conhecimento sobre o mundo das ideias, tornando nossas reuniões de orientação sempre instigantes e prazerosas. Muito obrigada professora, por toda a dedicação e carinho ao longo desses últimos semestres.

*O que significa ser feio nos tempos atuais?
Qual o preço pago, os sacrifícios impostos e
os sofrimentos vividos? A quais práticas se
submetem para escapar da “intolerável
feiura?”*

Joana de Vilhena Novaes

Sumário

Resumo	vii
Introdução	1
Objetivo Geral.....	7
Objetivos Específicos.....	7
1. Corpo, Identidade e Cultura	8
2. Mídia, Estereótipos e Gênero na Contemporaneidade	16
2.1 Mídia, Corpo e a Indústria da Beleza	25
3. A Psicologia Clínica, o sofrimento psíquico e as Doenças da Beleza	33
4. Metodologia	38
4.1 Participantes.....	41
4.2 Materiais e Instrumentos	43
4.3 Procedimentos de construção de informações.....	43
4.4 Procedimentos de Análise	44
5. Resultados e Discussão	46
5.1 O olhar do outro no contexto das sociedades imagéticas contemporâneas.....	46
5.2 Corpo e sexualidade: prazer e poder.....	52
5.3 O autoconhecimento como caminho necessário para a prevenção das doenças da beleza: Contribuições da psicologia clínica	56
5.4 A necessidade das discussões sobre as doenças da beleza na Psicologia	63
Considerações Finais.....	66
Referências Bibliográficas	70
Anexos	80
Anexo A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	81
Anexo B: Roteiro de Entrevista e imagens selecionadas	84
Anexo C: Parecer de aprovação do Comitê de Ética.....	86

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo a investigação a respeito do papel do/a psicólogo/a clínico/a na prevenção das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea, considerando suas crenças e percepções sobre como está sendo abordada a questão da prevenção das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea e, de forma mais específica, na formação em Psicologia. Quanto à metodologia, a pesquisa se inspirou na Epistemologia Qualitativa proposta por González Rey (2001; 2005). Foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas com seis psicólogas clínicas. Para a análise dos dados utilizou-se a metodologia da análise de conteúdo. Após a transcrição das entrevistas, foram elaboradas quatro categorias analíticas temáticas, a saber: 1) O olhar do outro no contexto das sociedades imagéticas contemporâneas, 2) Corpo e sexualidade: prazer e poder 3) O autoconhecimento como caminho necessário para prevenção das doenças da beleza: contribuições da Psicologia Clínica e 4) A necessidade das discussões sobre as doenças da beleza na psicologia. Identificou-se, na fala das participantes, a importância da discussão a respeito da prevenção das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea a partir da compreensão da dimensão sociocultural envolvida na incidência das doenças da beleza, algo que fomenta a prática do/a psicólogo/a clínico/a no processo de prevenção dessas doenças. Nessa perspectiva, também foi possível identificar através da percepção das participantes, como a questão da incidência das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea está sendo pouco abordada na formação acadêmica em Psicologia, mesmo que seja reconhecida como uma característica evidente da contemporaneidade e que está, cada vez mais, atingindo maiores proporções, ocasionando sofrimento psíquico principalmente no público feminino, que, muitas vezes, buscam incessantemente se adequar aos padrões estéticos hegemônicos, através de práticas, tais como atividades físicas em excesso, consumo desenfreado de fármacos e cosméticos e realizações de cirurgias estéticas.

Palavras-chave: Doenças da beleza; Contemporaneidade; Padrões estéticos hegemônicos, Prevenção, Psicologia Clínica.

Introdução

O culto ao corpo na sociedade contemporânea tem se tornando um valor presente para um grande número de pessoas. Escolhi o tema em questão devido à “corpolatria” ser uma característica marcante na sociedade contemporânea. Padrões de beleza hegemônicos são disseminados através de diversos meios de comunicação, enfatizando a importância de ter um corpo magro e jovial para ser aprovado pela sociedade, sendo essas características algo socialmente considerado como belo e saudável.

A mídia produz um discurso que reforça constantemente que beleza, saúde, potência, sedução e sucesso são indissociáveis e que viver sem esses elementos pode ser algo que divide os sujeitos entre o “belo” e o “feio”, o “saudável” e o “não-saudável”. É comum os meios de comunicação disseminarem que cuidar do corpo em si é algo indispensável ao bem-estar e à felicidade. Ser jovem, vestir-se bem e frequentar academias são alguns preceitos que estão sendo agregados ao meio social (Knopp, 2008).

Nesse sentido, os sujeitos recorrem a procedimentos cirúrgicos, dietas, atividades físicas intensas, ingestão de fármacos e etc. para modificarem seus corpos, muitas vezes, a fim de obter prestígio em grupos que os indivíduos julgam importantes para eles se sentirem inseridos e serem reconhecidos.

Seguindo tal lógica, o Brasil no relatório divulgado no ano de 2015 pela Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (Isaps)¹ é o segundo colocado no ranking mundial em cirurgias estéticas. A marca “Dove” ao encomendar um estudo intitulado “A real verdade sobre a beleza”², realizado pela Universidade de Harvard em 2004, com mulheres de

¹ Relatório elaborado pela Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (Isaps) em 2015, disponível em: <http://www.isaps.org/Media/Default/global-statistics/July%202015%20ISAPS%20Global%20Statistics%20Release%20-%20Final.pdf>

² Pesquisa encomendada pela marca “Dove”, realizada pela Universidade de Harvard em 2004, intitulada “A real verdade sobre a beleza”, disponível em: http://www.clubofamsterdam.com/contentarticles/52%20Beauty/dove_white_paper_final.pdf

diferentes países e faixas etárias, identificou que somente 2% das mulheres de diversos países elegeram a palavra “bonita” para descrever sua aparência. Além disso, o estudo identificou que as mulheres italianas e as brasileiras, especificamente, dão mais valor à aparência física da pele e do rosto do que as mulheres de outros países, além de valorizarem o peso e a forma corporal para definir a beleza de uma mulher.

Percebe-se que, na contemporaneidade, as mulheres são atingidas em uma maior proporção na questão referente à adequação dos corpos aos padrões hegemônicos de beleza. O que se pode relacionar com a grande insatisfação do público feminino com a autoimagem devido ao possível sentimento de não se inserirem em determinados grupos e meios sociais, os quais desejam participar ou que são significativos para elas.

Nesse aspecto, a sociedade contemporânea atual é também associada à sociedade do consumo. Percebe-se que tanto os homens quanto as mulheres estão sendo cada vez mais expostos ao que a mídia dissemina em relação ao consumo e que os indivíduos dos grandes centros urbanos e de classes mais altas, estão tendo cada vez mais acesso aos produtos que são disseminados pela mídia. No entanto, Bauman (2008) comenta que na contemporaneidade os bens de consumo adquirem um simbolismo social de status, que relaciona o que o indivíduo consome à sua classe social, os levando também a uma necessidade de consumo que o diferencie das demais classes. Bauman (2008) ainda comenta que os indivíduos são “bombardeados” de todos os lados por sugestões de que precisam se equipar com um ou outro produto fornecido pelas lojas se quiserem ter a capacidade de alcançar e manter a posição social que desejam (...)” (p.74)

Nesse sentido, Santos e Grossi (2007) comentam que atualmente, a mídia cria, constantemente, novas necessidades de consumo. É possível perceber que na mídia vende-se de tudo: carros, casas, beleza, saúde, brinquedos, comida, entre outros, atingindo aos indivíduos de diferentes classes sociais, gêneros e faixas etárias (Bauman, 2008). Nessa

perspectiva, o documentário, intitulado “Criança, a alma do negócio”³ mostra o quanto as crianças, na contemporaneidade, estão atribuindo valores a bens materiais, relatando a preferência por consumir ao invés do brincar.

Dessa forma, além das questões relacionadas à infância e ao consumo excessivo, um relatório realizado a partir de uma pesquisa com meninas no Reino Unido, elaborada pela organização britânica *Girlguiding* desde 2009, publicada em 2016⁴, revela que crianças, principalmente meninas estão se preocupando cada vez mais cedo com a aparência física, uma preocupação em excesso, sendo que 25% das meninas entrevistadas, entre 7 e 10 anos, dizem sentir pressão para terem um corpo “perfeito” e um terço dessa amostra diz que as pessoas as levam a pensar que a coisa mais importante sobre elas é a aparência.

Na contemporaneidade, o corpo, principalmente o das mulheres, se relaciona cada vez mais ao consumo, pois a mídia reproduz padrões que, muitas vezes, anulam possíveis identificações com o próprio corpo. Ao ler as mensagens subjacentes às imagens divulgadas na mídia, muitas mulheres deduzem que é necessário obterem aquela aparência e tudo que a fez acontecer. Para cada uma das partes objetificadas do seu corpo, existe uma enorme variedade de produtos: para os cílios superiores, curvex; para as unhas, esmaltes; para o rosto, maquiagem, além das intervenções cirúrgicas e uma infinidade de aparelhos de ginástica direcionados à diversas partes do corpo. (Del Priori, 2001; Wolf, 1992).

Nessa direção, na atualidade, a pressão sobre os modos de conduta disseminados pelas instituições sociais, tem as mulheres como um dos alvos do qual serve de matéria prima à estruturação da lógica econômico-política de dominação e sujeição dos corpos. Na contemporaneidade, é enfatizado que as mulheres devem gastar um bom tempo para cuidar

³ “Criança, A Alma do Negócio” é um documentário dirigido pela cineasta Estela Renner e produzido por Marcos Nisti sobre como a sociedade de consumo e as mídias de massa impactam na formação de crianças e adolescentes.

⁴ Pesquisa elaborada pela organização britânica *Girlguiding*, disponível em: <https://www.girlguiding.org.uk/social-action-advocacy-and-campaigns/research/girls-attitudes-survey/>

do seu corpo, a fim de garantir a satisfação dos olhares e a percepção do/a outro/a. Entretanto, o interesse de despertar a atenção das outras pessoas não é algo que todas as mulheres desejam, embora na sociedade contemporânea o prestígio mediante a exposição da aparência física seja uma característica predominante (Bauman, 1998; Bourdieu, 2002).

Nesse aspecto, o corpo feminino, na atualidade, ainda é compreendido como um objeto de desejos e contemplação do gênero masculino, mesmo com os movimentos sociais feministas para conquistar a libertação de seus corpos e a não submissão que as colocavam em posição de servirem às vontades do gênero masculino. Os significados associados ao corpo e à subjetividade feminina acompanharam o processo de transformações sociais e históricas na cultura ocidental. Entretanto, vale ressaltar que ainda há, na sociedade brasileira, características pertinentes à uma cultura conservadora. Dessa forma, nos tempos atuais, a mídia é uma das instâncias sociais que ainda dissemina essa ideia, com propagandas em que mulheres exibem seus corpos dentro dos padrões hegemônicos de beleza, sendo usadas como objeto para satisfazer a sexualidade masculina.

Assim, existem diversos fatores presentes na contemporaneidade que implicam em questões que podem envolver o sofrimento psíquico. A perpetuação dessa cultura, que gera insatisfação com a aparência física, acarreta, muitas vezes, complicações em relação à autoestima, sendo prejudicial à saúde física e mental dos indivíduos, ocasionando, assim, a incidência das doenças da beleza, doenças relacionadas à percepção da autoimagem, associadas à aparência física. Diversos/as autores/as comentam que essas doenças são caracterizadas por distúrbios alimentares, depressão, ansiedade, compulsão alimentar, anorexia nervosa, bulimia nervosa, vigorexia, ortorexia e pelas distorções da autoimagem.

Desse modo, foi possível adquirir conhecimentos a respeito das doenças da beleza, através de diversos artigos científicos, bem como os artigos da autora Joana de Vilhena Novaes que problematizam a questão das doenças da beleza, compreendendo seus aspectos

psicológicos e socioculturais, sem restringir apenas ao discurso da influência genética que levam ao aparecimento dessas doenças. Foi possível também, adquirir conhecimentos sobre as doenças da beleza, através de um canal do youtube, produzido pela jornalista Daiana Garbin, intitulado “Eu Vejo”⁵, o qual discute a respeito da relação do indivíduo com o corpo nas sociedades contemporâneas e a relação com a crescente incidência das doenças da beleza.

Cabe mencionar que durante a graduação em Psicologia, tive a oportunidade de ter o contato com questões que abordam o tema a respeito da insatisfação com a autoimagem. O estágio específico obrigatório em Psicologia Clínica e um Projeto Voluntário realizado com crianças em um Núcleo de Atenção Médica Integrada da Universidade de Fortaleza em 2012, foram experiências que me aproximaram do tema em questão e me despertaram interesse em fazer uma investigação mais aprofundada a respeito de como a Psicologia Clínica está atuando na prevenção das doenças da beleza.

A prática no estágio em clínica e no Projeto Voluntário me proporcionou um maior conhecimento do quanto a insatisfação com a aparência física é marcante na sociedade brasileira contemporânea. O que mais me chamou atenção foi que, ao ter o contato com o público infante – juvenil, pude perceber o quanto crianças e jovens estão cada vez mais envolvidos/as com essa marcante característica da sociedade brasileira contemporânea, que os levam, muitas vezes, a terem prejuízos e limitações em relação à aparência física, à seu meio social e com a autoestima, em alguns casos, preocupando-se excessivamente com o corpo para não serem julgados pela sociedade, abdicando do lazer e alterando a alimentação de maneira indevida, para adequar a aparência física aos padrões estéticos hegemônicos.

Desse modo, a presente monografia tem como tema a psicologia clínica e a prevenção das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea, a fim de saber como esse

⁵ Canal do youtube “Eu Vejo” de autoria da jornalista Daiana Garbin, disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCg-pv0HJbbmob5dtzRDdtXw>

assunto está sendo abordado na prática do/a psicólogo/a clínico/a. O estudo está vinculado ao projeto de pesquisa ‘guarda-chuva’ da professora-orientadora Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira, intitulado: “Identidades Sociais, Diversidade e Preconceito”. Nesse aspecto, cabe mencionar que realizei pesquisas nas disciplinas de Estágio Básico II, Produção de Artigo e Fórum de Debates III discutindo a respeito do tema “Feminilidade, mídia e corporeidade”, também sob a orientação da professora Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira. As pesquisas desenvolvidas possibilitaram à pesquisadora adquirir conhecimentos a respeito de como os padrões estéticos hegemônicos são disseminados através dos meios de comunicação e quais são suas demais implicações e articulações com diversos parâmetros sociais e culturais, existentes na sociedade contemporânea, a partir da perspectiva de mulheres jovens.

Nesse sentido, segui com a mesma linha de pesquisa, a fim de ampliar meus conhecimentos mediante a realização de uma pesquisa mais aprofundada, incluindo a percepção de psicólogos/as clínicos/as a respeito do tema, com um olhar voltado à prevenção no que se refere à incidência das doenças da beleza.

Diante do exposto, considero o presente tema de pesquisa de significativa relevância social, acadêmica e educacional. Acredito na importância de termos o conhecimento de como os/as psicólogos/as atuam para prevenir doenças que estão relacionadas à forma como experimentamos e vivenciamos nosso corpo no cotidiano, em uma sociedade com características efêmeras, onde a felicidade, para algumas pessoas, significa um investimento, cada vez maior, no corpo e na exposição da aparência física através, por exemplo, das redes sociais.

Nessa perspectiva, esta pesquisa busca oferecer subsídios para responder às seguintes questões: Como está sendo tratado o tema da prevenção das doenças da beleza, na atuação do/a psicólogo/a clínico/a? A formação em psicologia carece de um maior aprofundamento na questão da prevenção das doenças da beleza, ou não?

Acredito que é de suma importância nós, psicólogos/as e estudantes de psicologia, refletirmos e pensarmos em estratégias de intervenção para prevenir tais doenças da beleza, pois temos a oportunidade de pesquisar e problematizar o que está por trás do aparecimento e da crescente incidência dessas doenças, quais são os fatores envolvidos e suas implicações.

Objetivo Geral

Analisar o papel do/a psicólogo/a clínico/a na prevenção das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea.

Objetivos Específicos:

- Investigar como está sendo abordada a questão da prevenção das doenças da beleza na sociedade contemporânea brasileira na formação em psicologia, a partir da perspectiva dos/as participantes
- Analisar e compreender as crenças dos/as psicólogos/as clínicos/as quanto ao seu papel na prevenção das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea.

1. Corpo, Identidade e Cultura

Diversas sociedades na contemporaneidade são caracterizadas pelos "corpos perfeitos", que invadem progressivamente todos os espaços da vida cotidiana. A expectativa de alcançar a aparência corporal considerada ideal de acordo com os padrões hegemônicos de beleza é o que provavelmente interliga uma variedade de fenômenos cada vez mais comuns, como, por exemplo, a adesão a exercícios físicos em excesso e a recorrência as cirurgias plásticas estéticas e também a maior incidência de doenças como a bulimia nervosa, anorexia nervosa e ortorexia nervosa, a qual trata-se de uma preocupação exagerada com a qualidade dos alimentos, acarretando significativas restrições alimentares (Bratman, 1997; Neto & Caponi, 2007).

Para algumas pessoas, o corpo é tomado como a vestimenta que recobre o sujeito, por isso deve apresentar um “caimento” perfeito, mesmo que alguns “retoques” sejam necessários para a otimização dos resultados. Procedimentos cirúrgicos dolorosos, arriscados e mesmo deformadores, não são considerados empecilhos, na busca impossível por corpos considerados como “perfeitos” (Novaes, 2011).

Novaes (2005) discute que a beleza exterior e a saúde, a aparência desagradável e a doença, cada vez mais se associam às representações do corpo como sinônimos, principalmente no que se refere ao corpo feminino. Assim, Levi Strauss afirma que:

O corpo, é a melhor ferramenta para aferir a vida social de um povo. Ao corpo cabe algo muito além de ocupar um espaço no tempo. Cabe a ele uma linguagem que se institui antes daquilo que denominamos “falar”, que se exprime, evoca e suscita uma gama de marcas e falas implícitas. (Strauss citado por Novaes, 2005, p. 2)

O corpo é um tipo de fundamento em relação aos processos identitários, por ser uma das instâncias envolvidas no estabelecimento de fronteiras que definem quem nós somos. Desse modo, nos processos identitários diferenciar-se do outro está relacionado a uma construção social ao longo da história, possuindo múltiplas influências culturais, familiares, religiosas e históricas. Em outras palavras, para a construção das identidades, a marcação simbólica da diferença é fundamental, pois permite sabermos quem somos a partir do contato com o outro diferente (Galinki & Zauli, 2011; Madureira & Branco, 2012; Moreira & Câmara, 2010; Woodward, 2000).

Ciampa (2007) considera que identidade é diferença e também igualdade, pois existem aspectos que nos igualam e nos diferenciam uns dos outros. O autor afirma que identidade é algo que está em um contínuo processo, para ele “Identidade é movimento, é desenvolvimento concreto. Identidade é metamorfose” (Ciampa, 1984, p.74). Nesse sentido, Bauman (2001, 2005) e Hall (2011) também discutem suas concepções sobre a identidade.

Bauman (2001) considera que vivemos na “modernidade líquida”, vivemos em uma sociedade onde nada se mantém da mesma forma por muito tempo, não possibilitando espaço para a solidez, seja nas relações familiares, relações de trabalho, nos hábitos e nas rotinas. Bauman (2005) destaca que “a construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável” (p.91). Sendo assim, a identidade dos indivíduos também passa a ser líquida, algo que é mutável, não se mantendo da mesma forma por muito tempo.

Nesse sentido, para Hall (2011), a época atual se encontra marcada pela fragmentação, descentração e deslocamento das identidades, em que está ocorrendo mudanças estruturais que rompem com a idéia de uma "identidade" estável. Desse modo, o autor afirma que:

A identidade torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente (Hall, 2011, p.13).

Hall (2011) considera que a identidade do sujeito pós-moderno passa a ser de modo mais evidente, fragmentada, onde um indivíduo pode conter diferentes identidades sociais que o caracterizem. Desse modo, Moreira e Câmara (2010) discutem que a identidade deve ser vista a partir de seu caráter fragmentado, instável, plural e histórico, não devendo ser compreendida como algo fixo e rígido. Bauman (2005) afirma que, na contemporaneidade, “(...) uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade” (p.60), devido a característica “líquida” da contemporaneidade, onde nada se mantém da mesma forma por muito tempo.

Nesse aspecto, Hall (2011) ao discutir sobre as identidades culturais, considera que são “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (p.8). O autor afirma que essas identidades culturais já foram, de uma certa forma, mais centradas e unificadas, mas agora, na atualidade, estão sendo deslocadas e fragmentadas pelo processo de globalização. Desse modo, o processo de globalização é destacado por Hall (2011), devido ao seu impacto na identidade, pois na medida em que a vida social é mediada pelo mercado global, mais as identidades se tornam desvinculadas de lugares, tempos, histórias e tradições (Wonsoski, 2015).

Nessa perspectiva, Louro (2000) comenta que a partir da instabilidade da identidade, procura-se nos corpos referências. Dessa forma, concebe-se uma noção linear em que os corpos estabelecem as identidades, evitando ambiguidades ou dúvidas. Nesse aspecto, Santos (2016) comenta que “nos processos de subjetivação contemporâneos, o corpo é a própria identidade do sujeito, e a aparência, o comportamento e a silhueta designam cada vez menos as origens sociais e cada vez mais a personalidade e as particularidades pessoais” (p. 516). Contudo, bem como a identidade, os corpos também são modificados e significados pela cultura, portanto, sendo passíveis de mudança.

Nesse sentido, Valsiner (2012) discute que na psicologia existem, em linhas gerais, duas perspectivas distintas quanto à adoção do conceito de cultura. Uma delas encontra-se na psicologia transcultural, na qual se afirma que a cultura é um organizador extrínseco, ou um dispositivo de atribuição causal para padrões de ação, sentimentos e pensamentos que as pessoas demonstram nas diversas sociedades. E a outra perspectiva, considera a cultura como parte inerente das funções psicológicas humanas, que não podem ser consideradas de forma separada da cultura, pois é esta que dá sentido ao pensar, sentir, dialogar, lutar ou amar.

A cultura, para Valsiner (2012), está dentro e fora do sujeito, estando presente também, nos processos de internalização e externalização que recriam a realidade no fluxo irreversível do tempo. Para o autor, a cultura se refere aos processos através dos quais as pessoas não apenas se relacionam com seus meios sociais, mas também consigo mesmas, além da relação da pessoa com seu ambiente através da mediação de signos.

Nessa direção, Clifford Geertz (1989), cita o conceito de Max Weber, que afirma que “o homem é um animal amarrado em teias de significados que ele mesmo teceu”. (p 4). Nesse aspecto, o autor relaciona a cultura, metaforicamente, a um “texto” ou a um “discurso”, na qual uma palavra isolada do seu contexto não faria sentido. Desse modo, Geertz (1989) destaca que:

A cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles (os símbolos) podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (Geertz, 1989, p. 24)

Nesse sentido, Valsiner (1998), a partir de diversas discussões teóricas, propõe um *modelo de transferência cultural bidirecional*, no qual instrumentos de mediação semiótica são percebidos como guias sociais, que permitem a construção pessoal de significados, ao mesmo tempo em que possibilitam a modificação das práticas e bens simbólicos oferecidos pela cultura coletiva. Valsiner (2012) discute que o modelo bidirecional é baseado no princípio de que, na transmissão cultural do conhecimento, todos os participantes estão transformando ativamente as mensagens culturais.

Cabe destacar que a psicologia cultural considera que o sujeito participa ativamente da construção da cultura, influenciando e sendo influenciado pelo meio cultural e social (Madureira & Branco, 2012; Valsiner, 2012). Nesse sentido, o indivíduo contribui, em alguma instância, com a transformação do que apreende e o que transmite ao seu ambiente social, não sendo um mero espectador e reproduzidor passivo das mensagens culturais que recebe, ou seja, a herança cultural não é “absorvida” pelo sujeito de uma forma passiva, mas ocorre através de uma permanente relação entre a manutenção da estabilidade e a transformação da cultura (Madureira, 2007). Nesse aspecto, (Martins & Branco, 2001) comentam que “(...) emissor e receptor organizam e reorganizam ativamente a informação cultural de forma que a cultura se encontra continuamente em transformação mediante a ação de todos os participantes da experiência social” (p. 171).

Nesse sentido, a Psicologia Cultural, apresenta a cultura, como um meio que possibilita o distanciamento psicológico do aqui-e-agora (Valsiner, 2012). As pessoas podem, mesmo concretamente inseridas em um contexto social, distanciar-se dele, por meio da mediação semiótica. Esse processo de distanciamento psicológico permite uma reflexão sobre o contexto social que está sendo vivenciado nos contextos de vida imediatos, além de possibilitar também, uma reflexão a respeito do nosso futuro (Valsiner, 2012).

Seguindo tal lógica, entende-se que as pessoas não estão passivamente situadas em seus contextos sociais, mas encontram-se em constante mudança, podendo se expressar no presente, de forma diferente de sua trajetória no passado, em direção a novas formas de se expressar no futuro. Nesse sentido, Valsiner (2012), afirma que:

Portanto, a pessoa social – um ser subjetivo dentro de um contexto social – está constantemente agindo dentro de uma gama de possibilidades abertas por seu papel ou norma social. Além disso, empenhando esforços para reorganizar seus papéis sociais desafiando os próprios limites. A teia social é constantemente construída por ações coletivas de indivíduos, que passam então a destruí-la de forma a poder reconstruí-la sob modalidades novas. As transições na ordem social advêm das violações pessoais orientadas para metas e com significado, as quais podem acarretar terríveis consequências. Ainda assim os vínculos que sustentam a coesão social estarão sendo modificados, tanto no domínio social quanto no pessoal (Lawrence, Benedikt & Valsiner, 1992, citados por Valsiner, 2012, p. 79).

Dessa forma, o ser humano influencia e é influenciado pelo meio cultural em que está inserido, bem como “o corpo é produto e produtor da cultura” (Carozo & Zoboli, 2012, p.4). Nessa perspectiva, Goellner (2003) comenta que o corpo não é produto somente da

coletividade, o corpo também é algo singular de cada indivíduo, pois falar do corpo é falar de nossa própria identidade, o corpo é mais do que um conjunto de músculos, ossos e vísceras.

Nesse sentido, a autora comenta que:

(...) O corpo é provisório, mutável e mutante suscetível a inúmeras intervenções consoante ao desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos e os discursos que sobre ele produz e reproduz (Goellner, p 7, 2003).

Desse modo, Gomes (2002a) discute que “A relação do homem com o corpo é pautada por um imperioso processo de alteração. (...) pintar, escarificar, tatuar, cortar são ações que fazem parte da dinâmica cultural e dos diferentes rituais de toda e qualquer sociedade” (p.42). Sendo assim, as marcas corporais que temos, sejam elas tatuagens, cicatrizes, as roupas e os acessórios que usamos, caracterizam a imagem que do corpo se produz, e isso diz algo sobre nós, pois é algo que nos envolve e nos incorpora, é algo que, muitas vezes, demonstra nossas significações e ressignificações, é o que nos distingue uns dos outros.

Nesse aspecto, sabe-se que, na contemporaneidade, o corpo tem grande visibilidade, o que se evidencia no crescente mercado de produtos e serviços relacionados aos cuidados com o corpo. Nesse sentido, Daolio (1995) destaca que “o homem, através do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação (...), o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões” (p. 25).

Nesse sentido, Knopp (2008) comenta que toda sociedade é repleta de um conjunto de signos, dotada de sentidos e significados que, na atualidade, muitas vezes, são construídos e

reconstruídos através de um discurso produzido pelos meios de comunicação de massa.

Daolio (1995) comenta que “o corpo é uma síntese da cultura, porque expressa elementos específicos da sociedade da qual fazemos parte”. (p.26). Dessa forma, os signos e significados na contemporaneidade são construídos e reconstruídos, muitas vezes, por interesses econômicos, normalmente advindos do mercado da beleza que dissemina padrões estéticos hegemônicos e perpetua o culto ao corpo.

2. Mídia, Estereótipos e Gênero na Contemporaneidade.

No Brasil, a mídia é uma das principais fontes da construção do imaginário coletivo da cultura brasileira. Nesse aspecto, constitui um campo de produção de sentido à medida que teatraliza a vida, cria a realidade e exacerba sensações (Knopp, 2008). Nesse sentido, nota-se que, na atualidade, o corpo é representado simbolicamente através da moda, da mídia e de cuidados que se expressam através do excesso de realização de dietas, exercícios físicos e operações cirúrgicas, que são práticas culturais que se modificam a cada ano que passa, de acordo com os padrões estéticos hegemônicos vigentes em determinada sociedade.

Percebe-se que crenças e sentimentos, tais como ter uma aparência jovial para ser considerado/a uma pessoa saudável e obter prestígio e reconhecimento em suas relações sociais através da exposição da aparência física, acabam sendo dirigidos ao corpo. Nesse sentido, pode-se entender que a aparência corporal está no topo da pirâmide das relações sociais contemporâneas, tornando “o corpo parceiro daquele de quem se exige a melhor apresentação, as sensações mais originais, a boa resistência, a juventude eterna, a ostentação das marcas distintivas mais eficazes” (Le Breton, 2007, p. 86).

Desse modo, sendo a aparência física, um importante elemento de julgamento nas interações sociais cotidianas, as relações interpessoais estão se tornando cada vez mais efêmeras. O comportamento se pauta no que é considerado “belo” ou “feio”, “normal” ou “anormal”. Assim, a beleza passa a ser um valor social que pode garantir sucessos ou fracassos, tanto nas relações interpessoais e até mesmo na vida profissional (Ferraz & Serralta, 2007).

Desse modo, ao pautarmos nossos comportamento e impressões em relação ao/a outro/a, os/as classificando entre “belos/as” e “feios/as”, “normais” e “anormais”, acabamos reproduzindo determinados estereótipos em nosso cotidiano. Segundo Pérez-Nebra e Jesus

(2011), os estereótipos são categorizações /generalizações apressadas que as pessoas fazem sobre algo ou alguém. Myers (2014) comenta que os estereótipos podem ser positivos ou negativos, as crenças sobre os atributos pessoais de uma pessoa ou de um grupo de pessoas também podem se referir à “sensibilidade à diversidade”, pois alguns estereótipos nos auxiliam a entender o que esperar e como se relacionar com as pessoas de determinada culturas. Por exemplo, ao sabermos que os britânicos são mais pontuais do que outros povos, podemos ter uma ideia de como nos relacionar de maneira mais satisfatória com eles, sendo assim, um estereótipo considerado positivo por não se referir a determinada cultura, ou a grupos de pessoas de forma prejudicial. Entretanto, quando existe uma generalização exagerada ou equivocada a respeito de algo ou alguém, torna-se uma forma negativa, pois são julgamentos imprecisos e resistentes a novas informações.

Nesse sentido, os estereótipos negativos sustentam o preconceito, a discriminação e determinadas práticas injustificadas em relação a uma pessoa ou grupos de pessoas. Nesse aspecto, Jesus et al (2014) afirmam que:

O maior desafio de quem lida com preconceitos é ser capaz de propiciar o reconhecimento, o respeito e, preferencialmente, a valorização das diferenças, que passam a ser entendidas e pensadas além dos estereótipos cotidianos sobre o outro, os quais tendem a limitar as possibilidades desses outros discriminados na sociedade. Concepções e vivências que levam a ideologias discriminadoras são concepções falaciosas e vivências imaturas (p.17).

Percebe-se que a não valorização do sujeito a partir do olhar e julgamento preconceituosos do/a outro/a, acabam por limitar os indivíduos. É possível perceber, também, que para a discriminação racial, existe a denominação: racismo, para a discriminação com

pessoas de determinado gênero, existe a denominação: sexismo, para o preconceito contra homossexuais, existe a denominação: homofobia. E para a discriminação em relação a aparência física? Ainda não existe uma denominação que compreenda esta situação. Desse modo, sabe-se que, na contemporaneidade, devido a evidência de determinados padrões estéticos hegemônicos, a categorização entre o “belo” e “feio”, “normal” e “anormal” se acentua, logo se acentuam também a não valorização e discriminação de quem não se “encaixa” nos padrões estéticos hegemônicos.

Desse modo, Fischler (citado por Flor, 2009) comenta que o corpo transmite na contemporaneidade uma posição em que pode resultar em coerções sociais como as situações de desprezo e desprestígio experimentadas, como, por exemplo, pelas pessoas obesas e pelas pessoas consideradas feias em nossa sociedade. Essa discriminação se estende em todo o âmbito social, seja para encontrar um emprego, um/a namorado/a, ou nos comentários maldosos feitos por outros indivíduos nas ruas e na própria mídia, que contribui para reforçar os estereótipos que caracterizam a “imperfeição” nas sociedades contemporâneas.

Nesse aspecto, o culto ao corpo está se tornando quase uma técnica de sobrevivência para muitas pessoas na sociedade brasileira, pois parece garantir as melhores soluções para as situações do cotidiano e a mídia é um meio de comunicação que o promove de forma que as imagens que veicula são apresentadas de formas tão “perfeitas” que não parecem humanas, tratando-se de um ideal inatingível, podendo levar os indivíduos à insatisfação (Dantas, 2011).

Santaella (2012) discute que as representações visuais são um dos territórios das imagens, podendo ser intencionalmente criadas por seres humanos inseridos em determinados contextos sócio-histórico-culturais. Nesse sentido, Madureira (2016) ao comentar a respeito das artes visuais enquanto representações, afirma que “(...) vivenciar experiências estéticas é um caminho promissor na apropriação de novos conhecimentos, na construção de novos

significados sobre si e sobre o mundo. ” (p.75). Desse modo, é possível perceber que os elementos estético-visuais são utilizados como um meio de expressão humana além das finalidades artísticas, sendo utilizados também para representar diversos fatores culturais que expressam o que determinado grupo ou contexto social acredita, vivência, sente e pratica (Freitas, 2010).

Santaella (2012) destaca que as imagens como representações visuais se diferenciam conforme sua finalidade. Desse modo, as imagens podem ter diversas finalidades, podendo ter o intuito, por exemplo, de aguçar e ampliar nossa capacidade perceptiva, nossa sensibilidade visual, assim como podem servir de captura do nosso desejo por adquirir produtos, estilos de vida, tendências da moda, dentre outros aspectos que são veiculados pela publicidade enquanto representação visual.

Nessa perspectiva, a mídia veicula discursos que acabam por ter forte influência na disseminação dos padrões de beleza hegemônicos a serem seguidos, apontando para a questão de que os corpos devem adequar-se à função de durabilidade, sendo a prova de velhice, padronizados e respondendo sempre ao desejo do outro (Novaes, 2006). Desse modo, Durif (citado por Novaes, 2006) afirma que as imagens, que a mídia oferece para os/as leitores/as através da mídia impressa ou textos disponíveis na internet a respeito de seus próprios corpos, investem em um jogo de espelhos produzido entre o corpo e o olhar do outro, operando na construção da autoestima e da autoimagem.

Contudo, a mídia e as imagens por ela veiculadas também podem ser representações visuais educacionais, embora sejam poucas, que são utilizadas como ferramentas a fim de estimular nos indivíduos reflexões e análises críticas de determinadas situações do cotidiano e momentos históricos através de filmes, séries, campanhas, dentre outros recursos.

Sendo assim, cabe ressaltar que embora a mídia seja considerada como uma importante ferramenta social, no sentido de produzir esquemas dominantes de significação e

interpretação do mundo, os sujeitos são capazes de transformar o que se apreende e o que transmite nos seus meios sociais. Não sendo, portanto, apenas um espectador e reproduzidor passivo das mensagens que recebe e repassa, como foi discutido anteriormente ao comentar a respeito do ser humano ser produto e produtor da cultura, como Valsiner (2012) discute, ao defender o modelo de transferência cultural bidirecional, conforme mencionado anteriormente.

Seguindo tal lógica, Sabat (2001) afirma que a publicidade propõe representações de mulheres, de homens, de crianças, negras/os, velhas/os etc. Ela constrói um tipo de sexualidade “adequado” a cada gênero, ao mesmo tempo em que tenta preservar essas sexualidades. Mas a publicidade também subverte padrões já estabelecidos, tanto como forma de contestação quanto como um modo de chamar atenção para o produto que está à venda. Encontramos alguns anúncios publicitários que trazem casais homoafetivos, negros e pessoas com padrões de beleza que fogem da estética dominante. Ainda assim, esses casos são poucos, mas atualmente estão conquistando espaço, mesmo que ainda seja em proporções menores diante da publicidade que preconiza a audiência voltada para o que move o capitalismo na contemporaneidade. Desse modo, Sabat (2001) discorre que:

A publicidade é um dos artefatos que estão inseridos em um conjunto de instâncias culturais e como tal funciona como mecanismo de representação, ao mesmo tempo em que opera como constituidora de identidades. Muito mais do que seduzir o/a consumidor/a ou induzi-lo/a obter determinado produto, a publicidade comporta um tipo de pedagogia e de currículo culturais. Estes, entre outras coisas, produzem valores e saberes; regulam condutas e modos de ser; reproduzem identidades e representações; constituem certas relações de poder e ensinam modos de ser mulher e de ser homem, formas de feminilidade e de masculinidade (Sabat, 2001, p 9).

Nesse sentido, Bourdieu (2005) discute que, ao longo dos processos de socialização, o indivíduo, através das instituições sociais presentes em seu contexto tais como família, igreja, escola e estado, constrói referências e concepções sobre masculinidade e a feminilidade. Essas estruturas sociais, incluindo a mídia, são também responsáveis pela introjeção de valores e práticas que conduzem os indivíduos, antes mesmo do seu nascimento, a definir como cada sexo deve se comportar, construindo, na maioria das vezes, não só diferenças, através do modo de falar, de se comportar, vestir e andar, mas também desigualdades de gênero, hierarquizando as posições sociais de cada gênero na sociedade.

Nesse aspecto, Araújo (2005) comenta que muitas das características atribuídas ao masculino e ao feminino não são determinadas apenas pelo gênero, são influenciadas pela classe social e também por características individuais do sujeito, pois nem todos os homens são agressivos, objetivos, seguros de si como são normalmente estereotipados pela sociedade. Da mesma forma, nem todas as mulheres são inseguras e pouco agressivas como a sociedade, muitas vezes, julga o comportamento de uma mulher.

Sendo assim, o que se diferencia dos padrões de gênero disseminados pela sociedade, pode ser considerado “imperfeição” ao olhar de algumas pessoas, podendo causar sofrimento e conflitos de diversas ordens às pessoas que não seguem estes padrões, o que não ocorre somente com as questões relacionadas às diferenças de gênero, mas também as diferenças corporais, culturais, etc.

Nesse sentido, o corpo e a atratividade física são “valiosos” e geram bons retornos, em alguns casos, para aqueles/as que os utilizam da maneira mais eficaz no jogo das relações sociais em determinados grupos. Dessa forma, nas sociedades contemporâneas, é comum o uso da sedução na sociabilidade. O corpo tornou-se um produto social e cultural possibilitando e facilitando a sociabilidade dos indivíduos (Jeudy, 2002; Knopp, 2008). Nesse

aspecto, um corpo que se adequa ao padrões de beleza hegemônico pode garantir ao indivíduo aceitação social, tornando a pessoa mais aceitável em determinados grupos que sejam significativos para ela, e aqueles que não alcançam o padrão de beleza hegemônicos ficam estigmatizados, desprezados e até mesmo com menos oportunidades (Castro, 2003; Knopp, 2008). Dessa forma, Melo (2000) destaca que:

A sociedade estabelece um modelo de categorias e tenta catalogar as pessoas conforme os atributos considerados comuns e naturais pelos membros dessa categoria. Estabelece também as categorias a que as pessoas devem pertencer, bem como os seus atributos, o que significa que a sociedade determina um padrão externo ao indivíduo que permite prever a categoria e os atributos, a identidade social e as relações com o meio (...) (Melo, 2000, p1).

Desse modo, um sujeito que demonstra pertencer a uma categoria com atributos diferentes, acaba por ser pouco ou não aceito pelo grupo social, que não consegue lidar e não valorizar o que não se assemelha a determinada categoria. Nesse sentido, o sujeito considerado diferente, muitas vezes, deixa de ser visto como pessoa na sua totalidade e acaba por ser reduzido a um ser “incapaz” e “impotente” diante de um determinado grupo social, sendo estigmatizado (Melo, 2000).

Seguindo tal lógica, Goffman (1993), afirma que o estigma é um atributo que produz descrença na vida do sujeito, o colocando em uma posição de desvantagem em relação ao/a outro/a. Dessa forma, Melo (2000) comenta que “para aqueles que são estigmatizados, a sociedade reduz as oportunidades, esforços e movimentos, não atribui valor, impõe a perda da identidade social e determina uma imagem deteriorada, de acordo com o modelo que convém à sociedade” (p.1).

Desse modo, percebe-se que na contemporaneidade existem ideologias que são como divisores sociais e que estigmatizam os indivíduos conforme o modelo que convém à manutenção do status quo. Flor (2009) comenta que “por trás da construção dos padrões de boa forma e beleza se esconde também uma ideologia elitista e social” (p.268). Esse fato pode ser observado na contemporaneidade, pois a aparência corporal serve como divisor social, ao passo em que exclui e estigmatiza os que não estão de acordo com os estereótipos vigentes, principalmente aqueles estereótipos difundidos através dos meios de comunicação de massa (Flor, 2009). Nesse sentido, Goldenberg (2002) afirma:

O corpo é um agente das diferenças sociais e, sendo cultivado sob a moral da boa forma, surge como marca indicativa de certa virtude superior daquele que o possui. Um corpo coberto de signos distintos que, mesmo nu, exalta e torna visíveis as diferenças entre grupos sociais (Goldenberg, 2002, p. 10).

Dessa forma, muitas vezes, utilizamos o nosso corpo para fins de comunicação e significação. Para os padrões estéticos hegemônicos, os mais esbeltos, sensuais e atraentes são os mais disputados, desejados e valorizados. A aparência física e a performance corporal funcionam como características distintivas, signos de status e condição social. Sendo assim, os julgamentos sociais são feitos com base nessas características (Knopp, 2008). Desse modo, Levi-Strauss (citado por Knopp, 2008) ao falar sobre o corpo, afirma que:

(...) Cabe a ele uma linguagem que se institui antes daquilo que denominamos “falar”, ou seja, exprimir um conjunto de valores, crenças e ideais aprendidos durante a vida e numa determinada cultura. São manifestações simbólicas, dotadas de significado e sentido, representadas numa corporeidade manifestada no conjunto

de relações sociais que os indivíduos estabelecem no dia a dia (Levi-Strauss citado por Knopp, 2008, p 8).

Nesse sentido, Malysse (2002) discute que as revistas femininas propagam o estilo de vida da classe dominante, mas não deixam de ser lidas pelas outras classes, por conta da circulação dos meios de comunicação. Sendo assim, as mulheres que não têm como pagar por elas, podem encontrar essas publicações em consultórios médicos ou odontológicos, salões de beleza e nas casas das patroas. Nesse sentido, Gomes (2002b) comenta que:

(...) no Brasil, o modo pelo qual as pessoas classificam a si mesmas e às outras, numa perspectiva étnico/racial, não se baseia unicamente na aparência física. Distintivos de classe social como, por exemplo, renda e educação, também desempenham um papel importante na auto-identificação e nas avaliações subjetivas que governam o comportamento intergrupais (p. 4).

Desse modo, Bourdieu (2001) comenta que a sociedade capitalista e burguesa justifica seu poder econômico-social por meio da criação de imagens e produtos que contribuem para que haja uma nítida delimitação entre “ricos” e “pobres”. Sendo assim, percebe-se que existem outras questões sociais e subjetivas que constroem a percepção da autoimagem, os estigmas que distinguem as classes sociais também desempenham um papel relevante para a percepção de si e do outro. Nesse aspecto, os meios de comunicação de massa ocupam um importante espaço na disseminação de conteúdos que reforçam a divisão social.

Nesse sentido, Flor (2009) afirma que é evidente, na contemporaneidade, que os meios de comunicação de massa têm sido um importante veículo na divulgação e construção

dos padrões de beleza e de exclusão social, pois, a mídia, de uma forma geral atua como um dispositivo de poder a serviço de uma comunicação pautada nas fórmulas de mercado, do atual modelo capitalista.

Dessa forma, a mídia veicula constantemente que ser belo é estar dentro dos padrões estéticos hegemônicos e, implicitamente, que estar adequado a esses padrões é ser de boa condição social, pois o indivíduo pode pagar os custos de uma academia, fazer cirurgias estéticas, fazer dietas e comprar produtos de beleza que normalmente possuem preços altos. Portanto, percebe-se que o padrão de beleza construído pelo o que a mídia dissemina pode ser resumido na relação entre magreza e riqueza (Flor, 2009).

2.1 Mídia, Corpo e a Indústria da Beleza

Nesse sentido, Debord (1997) discute que a atual sociedade corresponde a uma fase específica da sociedade capitalista, quando há uma interdependência entre o processo de acúmulo de capital e o processo de acúmulo de imagens. Nesse aspecto, percebe-se que, na atualidade, desde as relações interpessoais à política, passando pelas manifestações religiosas, quase tudo é envolvido pelas imagens (Coelho, 2011).

Dessa forma, a mídia a serviço da indústria da beleza, proeminente no mercado capitalista, dissemina por meio dos discursos publicitários e jornalísticos que para ser considerado belo é necessário ter um corpo magro ou com formas bem definidas e que para obtê-lo qualquer sacrifício é válido (Flor, 2009). Desse modo, Severiano et al (2010) comentam que os corpos, na contemporaneidade são, cada vez mais, tratados como mercadorias a serem vendidas pela indústria da beleza e pela indústria da saúde. A mídia dissemina que um “corpo perfeito”, caracterizado como saudável, magro e jovial está

associado ao bem-estar e a felicidade e que também está ao alcance de todos/as, desde que seguidas as devidas prescrições.

Nesse sentido, a lógica do consumo e da felicidade se baseiam através de um pensamento que indica que o valor de um sujeito se dá pela acumulação de signos da “felicidade”, o que na atualidade pode ser caracterizado pelo ato do consumo e pela “aquisição” de um corpo padrão (Baudrillard, 2010). Dessa forma, muitas pessoas passam a querer atingir determinados padrões, sejam eles estéticos ou sociais e para obtê-los recorrem a diversos recursos, tais como cirurgias plásticas, dietas e exercícios físicos em excesso, consumo de cosméticos e roupas da moda, dentre outros aspectos, para se adequarem aos padrões hegemônicos de beleza e, conseqüentemente, obter um determinado status social. Contudo, Soares-Correia (2015) comenta que o corpo e a beleza se tornam diretamente proporcionais ao capital disponível para a sua “produção”, algo que, muitas vezes, gera insatisfação e sacrifício para quem almeja se adequar a algum padrão.

Desse modo, conforme já mencionado, o Brasil, segundo o relatório divulgado no ano de 2014 pela Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (Isaps)⁶ era o campeão mundial em cirurgias estéticas. No entanto, nos últimos dois anos, porém, esse número entrou em queda. Segundo a mais recente pesquisa da Isaps (2015), o Brasil realizou 1,22 milhão de procedimentos em 2015, quase 120 mil cirurgias a menos do que em 2014, mas continua na segunda posição do ranking sendo superado pelos Estados Unidos. Nesse sentido, estes dados refletem a relevância atribuída ao corpo na sociedade brasileira contemporânea e sua busca incessante pela “perfeição” da escultura corporal. Esta procura desesperada alimenta, certamente, a indústria da beleza.

⁶ Relatório elaborado pela Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (Isaps) em 2014

Dados da Associação Brasileira de Academias – ACAD (2014)⁷ apontam que o número de academias de ginástica mais do que triplicou entre os anos de 2006 até 2012 no país. No ano de 2006, existia um total de 2,8 milhões de pessoas frequentando as academias, o que se pode inferir que atualmente o número de pessoas frequentando academias é ainda maior. Estima-se um crescimento no Brasil superior ao do mercado estadunidense, líder nesse setor.

Sendo assim, percebe-se que os/as brasileiros/as são cada vez mais adeptos as intervenções para os cuidados com seus corpos, alimentando a indústria da beleza com as realizações de cirurgias plásticas e exercícios físicos em excesso. Nesse aspecto, segundo uma pesquisa realizada com mulheres brasileiras entre 20 e 60 anos feita pelo Instituto de pesquisa Sophia Mind em 2009⁸, mostrou que a principal insatisfação é estar acima do peso ideal, sendo que 94% das mulheres mudariam alguma parte do corpo e que 79% delas fazem algum esforço para melhorar a aparência, através de dietas, exercícios físicos e o uso de produtos de beleza. Dessa forma, é possível perceber que a obesidade e também a velhice são motivos de estigmatização, principalmente para o público feminino que, mesmo após vencerem barreiras e conquistarem liberdade em diversos campos, se veem, muitas vezes, aprisionadas pelos números da balança e do tempo (Mariuzzo, 2012).

Nesse sentido, apesar das conquistas das mulheres em diversas áreas, ainda se percebe que nos dias atuais, a dominação masculina perante a sexualidade e o corpo da mulher está presente, porém de uma forma “repaginada”. Enquanto ainda se ensina e se espera a virilidade e agressividade dos homens, das mulheres se ensina e se espera que sejam belas, delicadas e sensíveis. Esse modelo que divide, exclusivamente, e de forma rígida os gêneros em feminino e masculino incita a consolidação de relações de poder em que o

⁷ Pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Academias – ACAD em 2014, disponível em: <http://www.acadbrasil.com.br/revista/revista68/index.html>

⁸ Pesquisa realizada pelo Instituto Sophia Mind Pesquisa e Inteligência de Mercado em 2009, disponível em: http://www.sophiamind.com/wp-content/uploads/SophiaMind_Fitness_POR.pdf

feminino é sempre considerado mais fraco. O que passa a ser considerado preconceito, esse modelo precisamente é chamado de sexismo, que se trata de uma construção cultural em que há uma diferenciação rígida entre os gêneros, o estabelecimento de relações de poder e desigualdades nas relações entre homens e mulheres (Madureira & Branco, 2012).

Sabe-se que, até meados do final do século XVIII, a natureza feminina era associada gradativamente aos órgãos reprodutivos. Tal associação se referia ao discurso médico e de autoridades acerca das limitações dos papéis sociais e econômicos das mulheres. A divisão sexual do trabalho era reforçada por meio do capitalismo industrial urbano, restringindo as atividades femininas ao espaço doméstico, considerando que as mulheres deveriam apenas cuidar dos afazeres da casa e procriar (Vieira, 2003).

Segundo Laqueur (citado por Costa, 1996), em meados do século XIX, a mulher passou a ser considerada o inverso do homem, pois antes era considerada um homem imperfeito em termos biológicos, segundo a isomorfia. Dessa forma, o autor comenta que no isomorfismo o corpo da mulher era considerado igual ao do homem sendo a vagina compreendida como um pênis invertido, o homem era o corpo referente, pois considerava-se que só o homem possuía energia para gerar vida, enquanto a mulher por ser “menos quente”, apenas guardaria a semente produzida pelo “calor masculino”. Todavia, quando a mulher passou a ser considerada o inverso do homem, surgiu o dimorfismo, onde os corpos justificariam as desigualdades supostamente entre homens e mulheres.

Seguindo tal lógica, as descrições médicas dos corpos de homens e mulheres, em que a diferença era salientada, aliavam-se a evidências de que a sexualidade feminina se associava às funções de mãe e esposa e que o desejo sexual das mulheres era, por natureza, menor do que o dos homens. Com base nos papéis diferenciados quanto à reprodução, os papéis sociais são prescritos distintamente para homens e mulheres. Sendo assim, aos homens destinam-se às atividades do mundo público, do trabalho, da política e do comércio e, às mulheres,

atividades na esfera privada da família, desempenhando funções apenas de mães e esposas (Martins, 2005).

Desse modo, a crença na suposta inferioridade da mulher, devendo assim servir às vontades dos homens, é uma ideia presente na história de nossa sociedade. As mulheres deveriam não apenas possuir o padrão ideal de beleza para serem desejadas pelos homens, mas também se preocupar em ser uma “mulher de moral”, que segue os padrões impostos pela cultura, “merecendo” não apenas ser desejada pelos seus corpos como um objeto, mas também respeitada pelos homens (Bourdieu, 2005). Nesse aspecto, o autor Berger (1980) comenta:

Segundo costumes e convenções que, finalmente, têm vindo a ser postos em causa, mas que de modo algum foram ultrapassados, a aparência social da mulher é de espécie diferente da do homem. A presença de um homem depende da promessa de poder que encarna. (...) A sua presença pode ser fabricada (...) A pretensão, no entanto, é sempre de aparentar um poder que exerce sobre outros. (...) [No entanto, a mulher] Tem de vigiar tudo o que é e tudo o que faz, pois a sua aparência, e, em primeiro lugar, a sua aparência perante os homens, é de importância decisiva para o que poderá ser geralmente considerado o seu êxito na vida. (...) (Berger, 1980, pp 49-50).

Desse modo, Berger (1980) ressalta que a aparência social da mulher é de espécie social diferente da aparência social do homem, sendo algo que decidirá o êxito de sua vida. Berger (1980, p. 49), em sua afirmação “os homens atuam e as mulheres aparecem” ao comentar sobre as imagens na tradição de pintura européia, destaca que a imagem da mulher

é frequentemente associada a uma imagem de passividade, de contemplação e submissão ao olhar masculino.

Nesse sentido, Laqueur (citado por Loponte 2002), ao comentar a sexualidade feminina, aponta que a sexualidade da mulher é como se fosse uma categoria vazia, pois apenas a mulher parece ter ‘gênero’. Desde o Renascimento, na arte ocidental, as representações do corpo nu feminino, embora o corpo feminino estivesse em evidência, não significa dizer que a mulher era considerada um sujeito com vontade e sexualidade própria, na verdade, era a sexualidade masculina que estava em evidência, de modo que as imagens femininas estavam submissas ao olhar do homem, que era espectador, autor e até mesmo dono da obra. Sendo, portanto, a sexualidade das mulheres constantemente controlada e vigiada pelo olhar masculino.

Percebe-se, então, que nossos corpos, preferências pessoais e a nossa subjetividade são, muitas vezes, construídas de acordo com o que é esperado, de forma hegemônica, na sociedade na qual vivemos. O modelo binário heteronormativo vigente, aonde homens seriam viris e mulheres seriam sentimentais, leva os homens a afirmarem sua masculinidade, em muitos casos, através da agressão física e depreciação de tudo que for associado culturalmente ao feminino, ou seja, mulheres e homossexuais (Junqueira, 2009).

Nesse sentido, em nossa realidade, práticas discriminatórias como a homofobia, o sexismo e o elitismo retroalimentam as desigualdades sociais, cumprindo em papel estratégico “fundamental na manutenção das desigualdades econômicas e sociais, bem como na manutenção das ideologias que garantem a naturalização de tais desigualdades” (Madureira & Branco, 2012, p.12) Na reprodução das desigualdades sociais, é fundamental que tais fronteiras sejam respeitadas, a despeito do sofrimento psíquico que costumam gerar (Madureira & Branco, 2012). Nota-se, portanto, que é preciso subverter os esquemas de percepção incorporados e perpetuados inconscientemente por homens e mulheres, que

naturalizam as relações de dominação e assim exercem diferentes tipos de violência simbólica (Bourdieu, 2002).

A mídia acaba por promover o sofrimento psíquico, através da disseminação de propagandas que atribuem à feminilidade símbolos de inferioridade e objetificação, considerando a mulher e o seu corpo como algo a ser aprovado pelo olhar do outro, acabando, por sua vez, em naturalizar esta prática na nossa sociedade, o que ocasiona, muitas vezes, o adoecimento relacionado à autoestima e à autoimagem das mulheres. Nesse sentido, é comum, por exemplo, em propagandas de cervejas, carros, dentre outras propagandas voltadas para o público masculino, aparecerem mulheres estereotipadas com corpos esculturais, curvilíneos, ou então, muito magros, exaltando a sexualidade masculina e objetificando o corpo feminino, o reduzindo apenas a um objeto de prazer.

Nesse sentido, mesmo quando a publicidade vende produtos que não estão relacionados à beleza, as mulheres que aparecem nas propagandas, em sua maioria, possuem aparência jovial e corpos magros. São raros os anúncios que evidenciam as qualidades intelectuais da mulher, seu humor e sua competência. Este ideal feminino que é apresentado na publicidade, reforça a perpetuação de estereótipos relacionados a mulher. No entanto, esse padrão de beleza disseminando pela publicidade, não corresponde a características naturais da mulher brasileira, correspondendo assim, a uma sociedade voltada à modelos e às intervenções de cirurgias plásticas (Senna, 2006; Wolf, 1992)

Nessa direção, Boris e Cesídio (2007) comentam que o padrão hegemônico de beleza atribuído pela sociedade e disseminado pela mídia, leva muitas mulheres a uma insatisfação crônica com seu corpo, se odiando por alguns quilos a mais e adotando medidas radicais para corresponder ao modelo cultural, o que ocasiona, em muitos casos, o desenvolvimento das doenças da beleza.

Nesse sentido, vivemos numa sociedade globalizada, dividida entre “ganhadores” e “perdedores”, aonde os sujeitos se entregam às compulsões. Nesse aspecto, Mendlowicz (2000) aponta que qualquer espera equivale ao desespero, causado por uma enorme intolerância com aquilo que o atrapalhe em sua busca pela suposta perfeição.

Freud, em sua obra “O mal-estar da civilização” (1930), comenta que a felicidade na vida é predominantemente através da busca do prazer da beleza, onde quer que este prazer se apresente a nossos sentidos e a nosso julgamento, a beleza das formas e a dos gestos humanos, a dos objetos naturais e das paisagens e a das criações artísticas e mesmo científicas. Considerando que a busca pela beleza em relação ao objetivo da vida além de propiciar o prazer, em alguns casos, oferece muito pouca proteção contra a ameaça do sofrimento, embora possa compensá-lo bastante, o prazer da beleza dispõe de uma qualidade peculiar de sentimentos, pois ora é compensatória, ora é insatisfatória, gerando um mal-estar.

3. A Psicologia Clínica, o sofrimento psíquico e as Doenças da Beleza

Seguindo tal lógica, a psicologia clínica contemporânea e os demais serviços de saúde vem se deparando com o aumento na frequência de alguns processos de adoecimento como as “doenças da beleza”, as quais vêm comunicar um mal-estar, despertando assim, impacto na sociedade atual.

Nesse aspecto, embora possam existir fatores genéticos no aparecimento das doenças da beleza, bem como discute o modelo biomédico, os fatores socioculturais também estão envolvidos no aparecimento dessas doenças, principalmente pela evidência do culto ao corpo na contemporaneidade. Muitos autores que discutem a respeito das doenças da beleza justificam o aumento da incidência dessas doenças devido ao mal-estar, referente às exigências corporais contemporâneas, conforme mencionados anteriormente (Pedrosa & Teixeira, 2015).

Desse modo, Pedrosa e Teixeira (2015) comentam que no contexto clínico, além de compreender o corpo biológico do indivíduo, compreende-se também, o corpo perpassado pelas vivências do ser humano na cultura em que está inserido, considerando questões subjetivas dos sujeitos. Nesse sentido, cabe mencionar que a clínica psicológica nos dias atuais traz uma nova concepção, pois entende-se que o ato clínico deve ser contextualizado e refletido, compreendendo o ser humano no contexto em que ele vive (Dutra, 2004).

Dutra (2004) também destaca a importância de o ato clínico ser pautado em concepções teóricas e metodológicas que se refiram à postura ética do/a psicólogo/a diante do sofrimento ou fenômeno psicológico que lhes é apresentado, ou seja, o ato clínico se pautará principalmente por uma ética do que apenas por teorias.

Nesse sentido, é possível considerar que o que caracteriza a prática clínica não pode se reduzir ao lugar, consultório, número de sujeitos ou a sua classe econômica e nem às técnicas utilizadas para tratar determinada demanda de um sujeito. A escuta clínica tem seu diferencial

na qualidade da escuta e na acolhida que se oferece a alguém que apresenta um sofrimento. Desse modo, a escuta diferenciada representa uma determinada postura diante das pessoas, compreendendo-o como sujeito que pensa, sente, expressa seus sentimentos em um determinado momento das suas histórias (Dutra, 2004).

A escuta diferenciada também ocorre em outros campos de atuação do profissional de Psicologia. No âmbito escolar, hospitalar, social e organizacional a escuta diferenciada também é desempenhada. Nessas áreas, a atuação do psicólogo está para além da prática clínica clássica, onde sua atuação pode ser desempenhada ao prestar consultorias, atividades de psicomotricidade e estimulação, desenvolvimento de grupos e palestras no intuito de uma atuação preventiva, dentre outras atividades.

A escuta diferenciada é uma importante ferramenta de trabalho para o psicólogo em todos os seus contextos de atuação. Em alguns contextos, principalmente no contexto clínico e hospitalar, escutar, para o psicólogo, significa acolher a queixa ou relato do sujeito, mesmo quando possa parecer que não seja importante para o diagnóstico ou para o tratamento (Ministério da Saúde do Brasil, 2007). Além disso, o Ministério da Saúde do Brasil (2007) comenta que é através da escuta diferenciada que auxiliamos o sujeito a significar e a reconstruir os motivos que levaram a sua queixa e as relações que o sujeito estabelece entre o que sente e a sua vida, compreendendo suas relações, suas vivências e suas angústias.

Dessa forma, a escuta diferenciada implica em ouvir o sujeito e sua família, a fim de conhecê-lo para além da doença que se apresenta (Velasco et al, 2013). Nesse aspecto, é pertinente salientar que o psicólogo deve ser um agente promotor da saúde e que através de diferentes formas de intervenção ancoradas em diferentes abordagens e enfoques que a psicologia possui, este profissional consiga trabalhar as crenças e percepções dos sujeitos. Crenças e percepções que, normalmente, são internalizadas no processo de desenvolvimento

de cada pessoa e que vão se naturalizando, como a insatisfação com o corpo diante dos padrões hegemônicos de beleza vigentes em diversas sociedades modernas.

Diante do exposto, é significativo comentar que o profissional de Psicologia que atua na clínica psicológica contemporânea, amplia seu atendimento com o sujeito de modo que busca compreender todo o contexto em que está inserido. Nesse aspecto, a família é um dos meios sociais em que o indivíduo, na maioria das vezes, possui uma relação de significativa convivência, sendo assim um ambiente a ser explorado pelo psicólogo clínico para obter informações mais precisas e contextualizadas a respeito da demanda do sujeito.

Segundo Simon (1989), o/a psicólogo/a na perspectiva preventiva assume que seu cliente também é a família, pois quando a família considera que apenas um dos membros precisa de assistência, o/a psicólogo/a compreende essa opinião, mas fica atento para compreender o relacionamento desse membro da família com todos os demais inseridos em seu contexto. Desse modo, possibilita ao/a psicólogo/a alcançar uma visão muito mais abrangente da interdependência das ações da família.

Nesse sentido, Faria e Shinohara (1998) comentam que, em alguns casos, as famílias dos sujeitos que desenvolvem alguma doença da beleza, apresentam uma dinâmica familiar que pode propiciar o desenvolvimento dessas doenças. Algumas famílias apresentam características, tais como excesso de preocupação em relação à aparência física ou possuem práticas de comparações entre os filhos ou com as demais pessoas. Desse modo, se compreende o estilo de comunicação e interação dessas famílias, considerando a hierarquia de valores que esta família possui, compreendendo o que pode se tornar um risco, uma vez que um valor exagerado pode ser atribuído à realização, à rejeição, à rigidez dos papéis sociais, ao aumento da disposição para o sacrifício, dentre outros comportamentos.

Seguindo tal lógica, percebe-se que cada contexto familiar apresenta dinâmicas diferentes, não se atendo a características que seguem padrões que influenciam determinados

sujeitos a desenvolverem determinadas doenças da beleza. O/a psicólogo/a, ao ter contato com o contexto em que vive o sujeito e sua família, poderá observar como se dá o funcionamento dessas famílias para conseguir pensar ou desenvolver uma estratégia de prevenção da doença em questão.

Faria e Shinohara (1998) também comentam a respeito da importância do diálogo do psicólogo com outros profissionais da saúde para a prevenção das doenças da beleza, pois estas doenças envolvem tanto aspectos físicos quanto psicológicos. A complexa interação entre problemas emocionais e fisiológicos torna, muitas vezes, necessário um planejamento de tratamento e de prevenção que envolva diferentes abordagens e especialistas. Desse modo, a presença de uma equipe multidisciplinar é de suma importância tanto para o tratamento quanto para a prevenção dessas doenças.

Para os/as psicólogos/as e especialmente para os/as psicólogos/as clínicos, a prevenção das doenças da beleza necessita de uma maior visibilidade, bem como mais oportunidades de discussões a respeito do assunto nas universidades e na formação de psicólogos e de profissionais de outras áreas que trabalham com sujeito acometidos por essas doenças, para que ocorra uma conscientização a respeito do que realmente se trata, compreendendo quais são suas reais causas e consequências.

Dessa forma, é importante considerar que essa discussão vai além dos consultórios clínicos de psicologia, divulgando a prática destes/as psicólogos/as em diversos âmbitos sociais, como no contexto escolar, nos hospitais, em lugares em que se trabalha com a exposição de imagens corporais, como agências publicitárias e agências de modelos, dentre outros ambientes. Ambientes, que propiciam a disseminação de aspectos sociais e culturais, bem como a valorização dos padrões de beleza hegemônicos, algo que, na maioria das vezes, gera sofrimento e insatisfação para aqueles/as que buscam incessantemente adequarem seus corpos ao padrão “ideal” de beleza valorizado socialmente. Tornando, assim, ambientes

propícios para o psicólogo exercer um trabalho que se paute na direção contra – hegemônica em relação aos padrões de beleza vigentes.

Nesse sentido, Santos (2013) discorre que no campo das práticas sociais e culturais, a transformação contra hegemônica consiste na construção do multiculturalismo emancipatório, ou seja, na construção democrática das regras de reconhecimento recíproco entre identidades e entre culturas distintas. Nesse aspecto, Santos (2003) comenta que:

(...) temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades (Santos, 2003, p.56)

Desse modo, a partir dessa perspectiva contra hegemônica, pode-se pensar estratégias de atuação para os psicólogos em seus diversos contextos de trabalho, voltados para o reconhecimento do outro, compreendendo o ser humano como um todo, considerando suas particularidades e suas ações perante a sociedade.

4. Método

Foi realizada, para a elaboração da presente monografia, uma pesquisa qualitativa. Segundo Minayo (2007), a pesquisa qualitativa trabalha com *o universo dos significados*, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Nesse sentido, González Rey (2005) discute a respeito da preocupação em desenvolver um processo de pesquisa que compreenda os desafios da sociedade atual. Sabe-se que a realidade se encontra em constante mudança e que precisa que os pesquisadores não somente se atentem à visão centrada nos instrumentos de construção de informações, mas também avancem na perspectiva de reconstruir, permanentemente, o processo de pesquisa, articulando a construção teórica com o momento empírico. Dessa forma, o autor afirma que:

Partindo da Epistemologia Qualitativa, tento desenvolver uma reflexão aberta e sem âncoras apriorísticas em relação às exigências e às necessidades de produzir conhecimento em uma perspectiva qualitativa; tento buscar uma posição quanto às novas perguntas e respostas criadas ao implementar um processo diferente de construção do conhecimento, evitando assim transitar por novas opções utilizando princípios já estabelecidos por representações epistemológicas anteriores que não respondem aos novos desafios. Essa tentativa (...) [aponta ao] desenvolvimento de epistemologias particulares nos diferentes campos do conhecimento, fato que considero a única forma real de enfrentar os desafios epistemológicos que vão aparecendo nos campos metodológicos particulares de cada ciência (González Rey, 2005, p. 5).

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa traz como uma de suas contribuições importantes a construção de análises aprofundadas sobre os assuntos focalizados. A produção de conhecimentos nessa perspectiva busca interpretar os significados que, muitas vezes, não estão visíveis para nossa compreensão imediata (Minayo, 2007). A autora compreende o método qualitativo como sendo o estudo “da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam” (Minayo, 2007, p. 57).

Madureira (2007) discute que ao considerarmos as metodologias qualitativas nas ciências humanas e sociais, cabe ressaltar o caráter histórico-cultural intrínseco à realização de uma pesquisa. Nesse sentido, a autora comenta que a produção científica não se encontra isolada dos fatores sociais. A produção científica também é perpassada por questões econômicas, políticas e culturais que a caracterizam como parte integrante de um determinado momento histórico.

A epistemologia qualitativa desenvolvida por González Rey (2005) se configura como uma crítica a epistemologia positivista, na qual compreende o mundo a partir de leis universais que explicam o funcionamento do universo como uma máquina. Nesse aspecto, entre os séculos XVII e XIX, a concepção de uma realidade fixa, estável e externa ao sujeito caracterizavam, de forma majoritária, o pensamento científico da época (Madureira & Branco, 2001).

Nessa perspectiva, a epistemologia positivista é caracterizada por um pensamento dualista, ou seja, considerando a imparcialidade do/a pesquisador/a diante da sua produção científica, separando o/a pesquisador/a do seu objeto de pesquisa, objetivando a neutralidade da ciência. Dessa forma, as questões referentes à subjetividade e à afetividade são,

tradicionalmente, consideradas como fonte de erros, devendo ser desconsideradas. Nesse sentido, percebe-se uma visão instrumentalista, variando apenas o tema a ser investigado conforme uma única metodologia, considerando o acúmulo de dados observáveis e a formulação de leis universais que expliquem a natureza (González Rey, 2005; Madureira & Branco, 2001).

Nesse sentido, a epistemologia qualitativa desenvolvida por Gonzalez Rey (2001, 2005) se contrapõe a epistemologia positivista, pois González Rey (2001) considera que as relações entre pesquisador/a pesquisado/a como condição para o desenvolvimento da pesquisa. Nesse aspecto, González Rey (2001) considera a ciência não se restringe apenas à racionalidade, ela é também subjetividade, incluindo as emoções e expressões do/a pesquisado/a e do/a pesquisador/a, o que é considerado uma importante condição para a expressão do objeto investigado.

Sendo assim, a epistemologia qualitativa proposta por de González Rey (2005), fundamenta-se em três princípios básicos. O primeiro princípio considera que o conhecimento é uma produção construtiva-interpretativa. Desse modo, esse pressuposto implica entender o conhecimento como produção permanente, visando romper com a dicotomia entre o empírico e o teórico, ressaltando o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento. Nesse aspecto, a proposta de González Rey (2005), não coloca o método empírico em um segundo plano, o método empírico é compreendido como um momento inseparável do processo de produção teórica.

O segundo pressuposto importante da Epistemologia Qualitativa compreende caráter interativo do processo de produção do conhecimento. González Rey (citado por Trindade & Costa, 2009) discute que nesse pressuposto, “o inusitado, o imprevisto, representa os elementos inerentes às relações entre investigador e os sujeitos estudados” (p.171), ou seja, as

informalidades que surgem durante a comunicação também são momentos que produzem informações relevantes para a pesquisa.

O terceiro princípio da Epistemologia Qualitativa desenvolvida por González Rey (2005), considera a significação da singularidade como nível legítimo da produção do conhecimento. Nesse aspecto, Mori e González Rey (2011) afirmam que “ O conhecimento não se legitima pela quantidade de sujeitos pesquisados, mas pela qualidade de sua expressão, sobre a qual é desenvolvido o modelo teórico sobre o qual descansam os significados produzidos no curso da pesquisa” (p.102). Desse modo, considera-se o sujeito como singular em sua constituição subjetiva, sendo assim, o importante nesse fundamento é compreender as necessidades de conhecimento que aparecem durante a pesquisa, através da qualidade da relação entre o/a pesquisador/a e o indivíduo (Mori & González Rey, 2011).

Dessa forma, a presente pesquisa é inspirada nos fundamentos centrais da Epistemologia Qualitativa desenvolvida por González Rey (2001; 2005). No entanto, é importante esclarecer que não foi utilizado o método construtivo-interpretativo proposto pelo autor. O conhecimento sobre os pressupostos centrais da Epistemologia Qualitativa proposta por González Rey (2001; 2005), auxiliou na compreensão do diálogo com as psicólogas clínicas, considerando tal experiência como uma forma de construção de informações relevantes a respeito das experiências das profissionais dentro de um contexto histórico e cultural onde a incidência das doenças da beleza é recorrente devido ao fato de que a nossa sociedade atual se encontrar fortemente marcada por um *zeitgeist* em que as imagens midiáticas e a aparência física tornam-se cada vez mais evidentes.

Como instrumento de pesquisa, foram utilizadas, também, imagens previamente selecionadas de forma integrada às entrevistas realizadas, a fim de analisar, a partir da perspectiva das participantes, possíveis identificações ou não identificações com as imagens

apresentadas (consultar: Anexo B), no intuito de compreender suas crenças a respeito dos padrões de beleza hegemônicos disseminados na contemporaneidade.

Cabe mencionar que Madureira (2008) destaca que o diálogo entre arte e ciência nos permite acessar aspectos afetivos que a ciência, em alguns casos, não consegue. Ou seja, “(...) é possível analisar os sentimentos que foram mobilizados pelas imagens apresentadas, bem como os motivos pelos quais os/as participantes se identificam com uma determinada imagem e os motivos pelos quais não se identificam com outra imagem apresentada” (Madureira, 2016, p.73). Nesse sentido, através da apresentação de imagens, enquanto ferramentas metodológicas, é possível perceber a presença de ambiguidades, tensões e conflitos nos processos identitários (Madureira, 2008, 2016).

4.1 Participantes

Participaram da pesquisa seis psicólogas clínicas que atuam em Brasília-DF e nas cidades do entorno. As participantes possuem idades entre 26 a 38 anos e foram todas do gênero feminino por falta de disponibilidade dos psicólogos contactados do gênero masculino. A escolha das participantes ocorreu via rede social da pesquisadora.

Na tabela 1 são apresentados os dados sociodemográficos das participantes. Segue abaixo a tabela com as informações das participantes:

Tabela 1
Dados das participantes

Nome (Fictício)	Idade
Luisa	38
Bruna	33
Beatriz	26
Julia	34
Sofia	30
Isabela	35

4.2 Materiais e Instrumentos

Utilizou-se, para a realização da pesquisa, os seguintes materiais: gravador de áudio, um ipad e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo A) impresso para cada participante. Como instrumento foi utilizado um roteiro de entrevista constituído de catorze perguntas abertas e dez imagens previamente selecionadas abordando o tema o focalizado na pesquisa (Anexo B).

4.3 Procedimentos de construção de informações

Após receber um parecer com a aprovação para a realização da pesquisa de campo por parte do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP UniCEUB (Anexo C), foram agendadas as entrevistas com as psicólogas clínicas, conforme a disponibilidade de horário delas e da pesquisadora. Antes do início das entrevistas, a pesquisadora apresentava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A) às participantes e explicava como proceder a pesquisa. Foi explicado que o nome de cada participante seria mantido em sigilo e que não eram esperadas “respostas corretas” por parte das participantes, mas suas opiniões e posicionamentos pessoais em relação ao tema.

As entrevistas foram individuais e semiestruturadas, gravadas em áudio, com o consentimento das participantes, e realizadas em seus respectivos consultórios, segundo a disponibilidade das participantes.

A partir das perguntas norteadoras, seguindo o roteiro de entrevista elaborado (Anexo B), foram discutidas questões a respeito da psicologia clínica e a prevenção das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea, sem limitar o diálogo, muitas vezes, indo além das questões propostas na pesquisa. Toda a pesquisa foi custeada pela pesquisadora.

Ao todo, foram realizadas seis entrevistas. No entanto, uma das entrevistas não pôde ser aproveitada pelo excesso de objetividade na fala de uma das participantes, o que acabou de comprometer a qualidade da entrevista realizada. Após a realização das entrevistas, as gravações foram transcritas na íntegra, seguindo as falas das participantes e da pesquisadora.

4.4 Procedimentos de Análise

As informações construídas nas entrevistas foram analisadas à luz da Análise de Conteúdo de Bardin (2008), que se baseia em operações de desmembramento do texto em unidades, ou seja, busca descobrir os diferentes núcleos de sentido que constituem a comunicação, e, posteriormente, realizar o seu reagrupamento em classes ou categorias. Desse modo, Gomes (1994) esclarece que uma das funções que a técnica da Análise de Conteúdo apresenta é a investigação do que está por trás dos conteúdos manifestos, além do que é comunicado explicitamente na entrevista.

Desse modo, após as transcrições das entrevistas na íntegra, ocorreu uma exploração e interpretação dos resultados obtidos. Tal análise foi orientada a partir de categorias analíticas temáticas, construídas em conjunto com a professora orientadora, com base nos objetivos da pesquisa e nos temas mais significativos e recorrentes nas entrevistas.

Ao construir as categorias analíticas temática, posteriormente foram realizadas leituras de modo a articular a teoria com os resultados investigados, buscando identificar ideologias e tendências presentes nos fenômenos analisados, a partir da investigação dos conteúdos subjacentes nas falas das participantes (Gomes, 1994).

Dessa forma, foram construídas quatro categorias analíticas temáticas: 1) O olhar do outro no contexto das sociedades imagéticas contemporâneas; 2) Corpo e sexualidade: prazer e poder; 3) O autoconhecimento como caminho necessário para a prevenção das doenças da

beleza: contribuições da Psicologia Clínica e; 4) A necessidade das discussões sobre as doenças da beleza na Psicologia.

5. Resultados e Discussão

Após a realização das cinco entrevistas individuais semiestruturadas, foi possível obter informações significativas sobre as crenças de psicólogos/as clínicos/as quanto ao seu papel na prevenção das doenças da beleza na sociedade contemporânea brasileira. Além de compreender como está sendo abordada a questão da prevenção das doenças da beleza na formação em psicologia, a partir da perspectiva das participantes. Os resultados são apresentados e analisados tendo como base as quatro categorias analíticas temáticas construídas, mencionadas anteriormente.

5.1 O olhar do outro no contexto das sociedades imagéticas contemporâneas.

Na contemporaneidade, somos bombardeados/as de informações advindas de diversos lugares do planeta, principalmente através de aparatos tecnológicos como *smartphones*, *ipads*, *tablets*, dentre outros que invadem o cotidiano das pessoas, sendo sobretudo permeado pelas imagens, disponibilizadas, em sua maioria, através das redes sociais (Maciel, 2013). Dessa forma, a participante Beatriz comentou, que: *“Facebook, instagram e youtube são os que eu mais uso. A gente gasta muito tempo atualmente com esses meios de comunicação virtuais, se formos utilizar todos com a mesma intensidade não teremos tempo para mais nada.”*

Desse modo, Giroux e Maclaren (1995) consideram que a contemporaneidade é caracterizada pelo uso impactante das imagens. Contudo, é importante considerar que as imagens estão presentes como objeto de construção de sentidos e significados no processo de humanização dos indivíduos desde a Pré-história, como, por exemplo, as imagens através das pinturas nas cavernas, exerceram um papel marcante no exercício da comunicação humana.

Nesse aspecto, “alguns deles destinavam-se a comunicar mensagens, e muitos constituíram o que se chamou, os precursores da escrita, utilizando processos de descrição-representação que só conservavam um desenvolvimento esquemático de representações de coisas reais” (Joly, 2012, p.17-18)

Todavia, a sociedade atual caracteriza-se pelo excesso de representações visuais presentes no cotidiano das pessoas, muitas vezes, veiculadas pela mídia, através da avançada tecnologia que permite sua fácil manipulação e acesso. Tal facilidade permite a transmissão de um grande número de informações, incluindo aquelas relacionadas à estética e padrões hegemônicos de beleza. Essas informações, muitas vezes, vêm carregadas de ideologias, que não expõe apenas os produtos, mas transmitem conceitos a fim de atingir as pessoas em sua vontade e ação, de modo que elas não apenas se convençam, mas que considerem que essas ideias possam ser verdadeiras e únicas (Silva, 2010). Dessa forma, a participante Bruna comentou que:

(...) nas mídias sociais como no facebook e instagram, as fotos são sempre muito bonitas, felizes, ninguém nunca tá feio e triste, as fotos estão sempre arrumadas e produzidas na maioria das vezes, muitas com edições de photoshop para sair ainda melhor na foto, para a pessoa mostrar mais ainda a questão da perfeição né, então as redes sociais tem um pouco desse problema, de mostrar que tudo é perfeito, que a vida é linda, que tudo é maravilhoso, que todo mundo é feliz, todo mundo é contente, e isso é um pouco arriscado mas mesmo assim mostra o tanto que as pessoas valorizam essa imagem (...)

Percebe-se que a participante Bruna traz em sua fala questões a respeito da forma como as imagens aparecem nas redes sociais e o quanto elas são valorizadas pela sociedade.

As fotos divulgadas no facebook, instagram e nas demais redes sociais, mostram pessoas sempre felizes, cada vez mais arrumadas, demonstrando estar de acordo com a moda e com os padrões estéticos hegemônicos. Nesse sentido, ao serem divulgadas imagens que refletem corpos trabalhados, “sarados”, medicalizados, respondendo sempre ao desejo do outro e correspondendo a um padrão esteticamente hegemônico, os indivíduos parecem estar incessantemente lutando contra o cansaço e contra o envelhecimento. Desse modo, os cuidados físicos ganham destaque e revelam-se, invariavelmente, como uma forma de estar preparado para enfrentar os julgamentos e expectativas sociais (Novaes, 2005). Dessa forma, Le Breton (2007) afirma que:

O corpo também é preso no espelho do social, é objeto concreto de investimento coletivo, suporte de ações e de significações, motivo de reunião e de distinção pelas práticas e discursos que suscita. A aparência corporal responde a uma ação do indivíduo relacionada com o modo de se apresentar e de se representar. Engloba a maneira de se vestir, a maneira de se pentear e ajeitar o rosto, de cuidar do corpo, etc., quer dizer, a maneira cotidiana de se apresentar socialmente, conforme as circunstâncias, através da maneira de se colocar e do estilo de presença (...) (p. 77).

Nesse sentido, percebe-se que o investimento destinado aos cuidados pessoais com a estética se relaciona à visibilidade social que o sujeito deseja atingir ou de evitar o olhar do julgamento negativo do outro (Novaes, 2005). A partir desse ponto de vista, a participante Beatriz destaca que:

(...) nos dias atuais essa questão tem sido muito importante, tem sido algo que as pessoas têm colocado muito peso e tem até adoecido mesmo, é a prisão do olhar do

outro, a gente acompanha muitos pacientes e se a gente não perceber a nós mesmos, também nos enquadrados nesse padrão. A gente busca e gasta tempo para se enquadrar nesse padrão de beleza que a sociedade impõe, o que nos vemos nos comerciais, em toda mídia, é tudo perfeito mas é fictício, é photoshop, são plásticas (...)

Nesse aspecto, o superinvestimento em si através de atividades físicas excessivas e procedimentos cirúrgicos a fim de modelar e remodelar o corpo de acordo com os padrões estéticos hegemônicos, revelam que, muitas vezes, esses investimentos ocorrem devido aos sujeitos se considerarem aquém do padrão “ideal” de beleza ou por defesa frente ao suposto olhar de julgamento do outro (Severiano et al, 2010). Dessa forma, sabe-se que existe uma predileção por determinados padrões de beleza e a desvalorização de outros. Le Breton (2007) informa que “os estereótipos se fixam com predileção sobre as aparências físicas e as transformam naturalmente em estigmas, em marcas fatais de imperfeição moral ou de pertencimento de raça” (p.78). Nesse sentido, a participante Isabela expôs que:

(...) hoje o corpo é muito idealizado, a forma de você se portar, de você se vestir, de você se colocar na sociedade hoje é muito importante, a gente tem vários preconceitos em relação à aparência física, a forma como as pessoas se vestem, como elas caminham, como elas se expõem no meio externo, então eu vejo que tem tido sim uma preocupação além daquilo que seria necessário (...)

Como já mencionado, Perez-Nebra e Jesus (2011) comentam que estereótipos são categorizações e generalizações apressadas que as pessoas fazem de alguém ou de algum grupo de pessoas, sustentando, muitas vezes, o preconceito e as práticas discriminatórias.

Nesse sentido, Jesus et al (2014) discutem que o não reconhecimento das diferenças e a não valorização do outro caracterizam o preconceito. Desse modo, como mencionado anteriormente, um sujeito que demonstra pertencer a uma categoria com atributos diferentes, acaba por ser pouco ou não aceito pelo grupo social que não valoriza o que não se assemelha a seus significativos atributos. Tal sujeito, muitas vezes, deixa de ser visto como pessoa na sua totalidade e acaba por ser reduzido a um ser “incapaz” e “impotente” diante de um determinado grupo social significativo para ele, sendo estigmatizado (Melo, 2000). Nesse aspecto, a participante Luisa comentou que: *“(..) eu percebo que a aparência física é um grande facilitador para obter status social, para obter atenção, para enfim, para várias coisas (...)”*

Sendo assim, considerando que aparência física dentro dos padrões estéticos hegemônicos é um atributo importante para se obter, muitas vezes, atenção e status social, algumas pessoas se empenham pela busca da aprovação do olhar do outro, comprometendo, muitas vezes, a vida do sujeito, mobilizando sentimentos negativos a respeito da autoimagem. Contudo, também existem outras questões que ocasionam prejuízos e limitações ao indivíduo, bem como, o fato de algumas pessoas abdicarem de atividades sociais, do lazer, para se dedicarem aos cuidados estéticos com sua aparência física, muitas vezes, a fim de que o outro a aprove e a reconheça através da aparência física. Desse modo, a participante Bruna comentou que:

(...) pessoas às vezes muito adoecidas emocionalmente, mas com corpos absurdos, e assim, o preço que as pessoas pagam, as dívidas que causam, não só no sentido financeiro, mas de saúde, de momentos, quantas pessoas as vezes não viajam, não saem, deixam de se divertir, muitas vezes, para manter esses padrões. Então até que

ponto isso é bacana, e aí cadê a questão das relações né, da valorização de relações, de conversar e de viver momentos.

De uma forma geral, a partir a fala das participantes ao discutirem a respeito da existência de um padrão de beleza ideal e como elas percebem a incidência das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea, surgiram importantes comentários que abordaram a questão da importância excessiva atribuída ao olhar do outro, ao julgamento e às expectativas sociais relacionados a aparência física.

Nesse sentido, é importante ressaltar que as perguntas em que foram utilizadas imagens selecionadas, possibilitou interessantes colocações e interpretações das participantes em relação às imagens apresentadas. Desse modo, a participante Isabela, fez o seguinte comentário: *“Eu não seria nenhuma das pessoas que estão vestidas com roupas apenas que usamos por debaixo de nossas roupas, pois não me sinto à vontade em me expor dessa forma em fotos para outras pessoas verem”*.

Nesse aspecto, a partir do relato da participante, é possível perceber que na contemporaneidade, vivemos em uma sociedade em que a exposição dos corpos é evidenciada em todas as modalidades digitais possíveis. Dessa forma, diante dessa característica da comunicação contemporânea, Sibilia (2008) ao comentar a respeito do mundo digital contemporâneo, o caracteriza como “show do eu”. A autora discute que, na atualidade, existe a necessidade de parecer ou aparecer. Tal característica da sociedade atual corresponde a um deslocamento do olhar para dentro de si, para uma perspectiva externa, que passa a se constituir em torno das relações com o corpo, bem como a sua exposição mediante ao olhar e julgamento do outro.

Nas redes sociais, é comum as pessoas exporem seus corpos através de fotografias, vídeos etc. Muitas blogueiras, atores/atrizes e modelos expõe seus corpos condizentes com os

padrões de beleza hegemônicos em seus perfis das redes sociais, algo que tem ganhado uma crescente visibilidade no mundo digital contemporâneo. No entanto, Jacob (2014) destaca que a evidência dessa exposição, leva muitas mulheres a se sentirem infelizes com seus corpos por não conseguirem se adequar a esses padrões “ideais” de beleza, uma vez, que para atingir esse padrão, são necessários alguns sacrifícios para obtê-lo, bem como a realização de dietas rigorosas, excessos de exercícios físicos, dentre outros procedimentos.

Dessa forma, foi possível perceber a partir da perspectiva das participantes que o corpo exposto ao olhar do outro gera diversas implicações, podendo gerar prejuízos e benefícios na vida das pessoas na contemporaneidade. Percebe-se que ter uma aparência física de acordo com os padrões de beleza hegemônicos, é algo facilitador para se obter relações sociais e status social. Contudo, percebe-se também que, para se “encaixar” nesses padrões, muitas vezes, requer sacrifícios e abdições que levam os indivíduos a um intenso sofrimento psíquico.

5.2 Corpo e sexualidade: prazer e poder

Percebe-se que na atualidade, muitas vezes, “(...) a presença do outro se resume a presença de seu corpo” (Le Breton, 2007, p 72). O que se pode perceber nas relações do cotidiano, nas relações afetivas, profissionais e familiares. A participante Bruna ao comentar a respeito da aparência física e as relações sociais, expôs que:

(...) no mundo afetivo para você se relacionar com alguém as vezes a pessoa tem que ter uma aparência X, no mundo profissional também, para determinadas carreiras tem que ter um tipo de aparência, e isso é complicado, porque quem não corresponde a um padrão sofre.

Novaes e Vilhena (2003) discutem que na contemporaneidade, a estética encontra-se vinculada a diversas formas de sociabilidade. Desse modo, percebe-se que, na atualidade, a aparência física é algo que facilita para se conquistar relações, sejam elas afetivas ou profissionais. Madureira (2015) destaca que na sociedade contemporânea, “para ser bem-sucedido profissionalmente é fundamental ter um físico em forma, uma vez que a boa aparência equivale à boa gestão de todos os âmbitos da vida do sujeito” (p.40). Dessa forma, os indivíduos, independente de suas características individuais, são constantemente induzidos a ter a necessidade de fazer parte de uma determinada estética corporal para serem reconhecidos socialmente em grupos que são significativos para eles (Novaes, 2011).

Nesse aspecto, a aparência física nas relações sociais, parece ocupar um lugar mais significativo do que outros aspectos e qualidades que existem nos sujeitos. Dessa forma, a participante Beatriz comentou que:

(...) então em uma relação em que as pessoas estão sendo vistas como objetos, infelizmente hoje em dia, a cultura do prazer, as relações amorosas estão no nível do pegar mesmo, então é o que é uma relação objeto-objeto, não é mais uma relação pessoa-pessoa, então se é objeto é corpo, porque para eu ter prazer eu preciso de um corpo (...).

Percebe-se, a partir da fala de Beatriz que as relações afetivas estão pautadas em uma relação onde o corpo é o prazer e não o sujeito em si. Nessa perspectiva, Bauman (2001) comenta que o momento atual é marcado pela fluidez e impessoalidade dos encontros, pela falta de consistência dos valores que se modificam antes mesmos de se consolidarem. Seguindo tal lógica cultural, a relação que estabelecemos com o corpo na atualidade também é instável, desde as constantes mudanças nas tendências da moda que influenciam a nossa

forma de nos vestir, fantasias sexuais, tipos de corpos a serem desejados, fetiches, dentre outras questões que são mutáveis de acordo com o momento histórico. Dessa forma, a participante Beatriz destacou que:

(...) principalmente a mulher, muitas vezes acha que precisa expor o corpo, precisa ter um corpo perfeito para que ela seja amada, olhada e notada, como se o valor dela estivesse apenas naquela aparência, então em uma relação em que as pessoas estão sendo vistas como objetos (...) principalmente nos dias atuais essa questão tem sido muito importante, tem sido algo que as pessoas têm colocado muito peso e tem até adoecido mesmo, é a prisão do olhar do outro.

Conforme discutido anteriormente, Bourdieu (2005) afirma que, ao longo dos processos de socialização, o indivíduo, através das instituições sociais presentes em seu contexto, constrói referências e concepções sobre a masculinidade e a feminilidade. Essas estruturas sociais são também responsáveis pela introjeção de valores e práticas que conduzem os indivíduos a definirem como cada sexo deve se comportar.

Sabe-se que no decorrer do tempo, a concepção de feminino se modificou constantemente. Le Breton (2009) comenta que, ao longo da história, à mulher foi destinado o lugar das trevas, enquanto ao homem coube o espaço da luz. “O lado nobre, sagrado e precioso está localizado no sexo masculino, enquanto o profano, o fraco e o passivo do lado feminino” (Le Breton citado por Madureira, 2015, p.35). Nesse sentido, essa dominação masculina, embora tenha se modificado conforme o decorrer do tempo, aparece de uma forma “repaginada” na contemporaneidade, algo que é evidente através de algumas imagens relacionadas à feminilidade veiculadas pela mídia que, muitas vezes, dissemina propagandas que atribuem à feminilidade símbolos de inferioridade e objetificação, ainda considerando a

mulher e o seu corpo como algo a ser aprovado pelo olhar do outro, bem como discute Loponte (2002) ao abordar que a sexualidade das mulheres era constantemente controlada e vigiada pelo olhar masculino no Renascimento, evidente nas pinturas de tradição europeia, na arte ocidental.

Nessa direção, Novaes (2006) comenta que, ainda se percebe na contemporaneidade, que os traços de agressividade e virilidade são relacionados à masculinidade e a atenção e o cuidado com o corpo são sinônimos de feminilidade. Desse modo, Madureira (2015) destaca que a relação com a estética é analisada de forma distinta pela sociedade em função do gênero do indivíduo, sendo que, principalmente “a beleza feminina coloca-se na forma de trabalho sobre o corpo” (p. 40). Nesse sentido, esta prática na nossa sociedade reforça a perpetuação de estereótipos relacionados às mulheres.

Nesse aspecto, é possível perceber que nas sociedades contemporâneas, principalmente em relação às mulheres, os desejos e os sentidos que se atribui às relações com as pessoas estão cada vez mais relacionados ao julgamento do outro e ao que interpretamos a partir do que nos é exposto pela mídia. Desse modo, Guillebaud (1999) discorre que: “(...) Nossos desejos, inclusive os sexuais passaram a ser ‘ligados’. (...) ligados em que? Nos desejos dos outros, santo Deus! Nos da multidão, das revistas, do tumulto público. (...)” (p.147). Nesse sentido, a participante Beatriz afirmou que:

(...) se a gente acredita que o ser humano busca primeiro o prazer em sua vida e que o sentido da vida dele é buscar o prazer e o amor é apenas uma sublimação ou uma canalização, as coisas vão ficando mais de lado, mas se a gente acredita que precisamos de algum sentido, de algo que o preencha, de algo que o leve além mesmo e quando ele não consegue ele acabar canalizando no prazer e no poder, aí a gente consegue algo diferente (...)

Nessa perspectiva, nota-se que a contemporaneidade também é marcada pelo hedonismo, o qual é influenciado pela veiculação publicitária massiva que dissemina a emergência do prazer a todo custo e a satisfação imediata do desejo (Corrêa, 2013). Todavia, quando a satisfação imediata do desejo não ocorre, insatisfação e sofrimento psíquico podem ser ocasionados.

5.3 O autoconhecimento como caminho necessário para a prevenção das doenças da beleza: Contribuições da psicologia clínica.

Ao perguntar as participantes a respeito de como ocorre a prevenção das doenças da beleza na Psicologia Clínica, não houve divergências quanto à resposta. Todas as participantes apontaram o autoconhecimento como o principal caminho necessário para prevenir alguma queixa que sinalize o possível aparecimento das doenças da beleza no processo de psicoterapia. Desse modo, as participantes comentaram diversas formas de criar espaços favoráveis para promover o autoconhecimento. Nesse sentido, a participante Sofia comentou:

Eu acredito que a prevenção vem através do autoconhecimento, o falar sobre isso, levar às pessoas esses assuntos, discutir sobre isso, fazer com que cada um se perceba, o que que tá bom, o que que não tá, será que eu tô fazendo demais? Será que isso tá saudável? Será que não? Então eu acho que o autoconhecimento pode vir aí como uma ferramenta de prevenção do que até aonde tô indo, será que eu tô extrapolando o meu limite? Será que isso não já tá me fazendo mal? Ao que exatamente eu tô dando mais valor? Ao que eu tô vendo ou que eu percebo que pra

mim é importante? Será que eu tô colocando as outras coisas como mais importantes, esquecendo realmente do que eu gosto, do que faz sentido pra mim?

Percebe-se que a Psicóloga Sofia, utiliza-se de questionamentos para que a pessoa se perceba e possa também perceber o que a levou desenvolver determinados comportamentos ou percepções. As demais participantes também comentaram a respeito de fazer questionamentos aos sujeitos para que eles possam refletir a respeito do sentido que ele está dando para tal queixa. Contudo, Sakamoto (2011) comenta que é decisão do/a paciente querer alcançar o conhecimento sobre si mesmo, algo que está associado a uma expectativa de mudança de aspectos pessoais que causam de alguma forma desconforto ou sofrimento emocional nos sujeitos. Dessa forma, a participante Bruna destacou que:

(...) eu voltaria esse olhar pra ele, de até que ponto essa aparência é tão necessária e justamente trabalhar o grau de exigência né, então assim, Por quê que é tão importante? Por quê que é tão necessária essa aparência que essa pessoa tá buscando? Quais são os benefícios que ela tem? Até que ponto vale a pena? (...)

No entanto, nota-se nos comentários das participantes, o relato de não se restringir apenas ao trabalho dentro do consultório de psicologia clínica, explicando a necessidade do cuidado de uma forma mais geral incluindo a sociedade, a família, a escola, a mídia, envolvendo todo o contexto em que o/a paciente está inserido/a. Nesse sentido, Holanda (2012) destaca que a psicoterapia é um momento de diálogo e que vai além do que ocorre no consultório, estando presente em diferentes contextos pela capacidade de promover a reflexão e o posicionamento dos sujeitos que dela participam. Dessa forma, a participante Isabela comentou:

(...) quando a gente fala em prevenção esse cuidado precisa existir como um todo, o que eu digo sobre isso, a sociedade de uma forma geral, cada um de nós nos preocupamos em como o outro tá recebendo aquela avaliação, como o outro tá recebendo aquela crítica e cuidar dessas questões. Eu como trabalho com crianças, eu vejo que as experiências, a forma como que as crianças vão descobrindo o corpo, os aspectos físicos, os cuidados que ela precisa ter com o corpo, a maneira como os familiares e os coleguinhas da escola veem o corpo dela. Essa identificação mesmo do processo de desenvolvimento parte muito disso que a agente tá falando dessas questões patológicas começam a se formar na infância e os pais não dão tanta atenção a isso, é o coleguinha da escola que faz uma crítica, é a mãe que reclama de algo que a criança fez e não percebe que aquilo pode gerar algo lá na frente (...)

Nota-se que a participante comenta a respeito da avaliação e do julgamento entre as pessoas, como algo que precisa ser revisto pela sociedade, a fim de que com isso, as doenças da beleza possam ser prevenidas. A participante destacou a respeito das relações das crianças com a família e com a escola. Sabe-se que a escola é um ambiente onde elas passam, muitas vezes, uma parte significativa de seu tempo e vivem experiências de afetos e frustrações, Nesse sentido, Madureira (2007) e Madureira e Branco (2012) discutem que a escola é um espaço que produz e reproduz determinadas desigualdades e preconceitos presentes em nossa sociedade, no que se refere à aparência física, classes sociais, etnia, gênero, orientação sexual, etc. No entanto, a escola é também um espaço em que se pode trabalhar essas questões a fim de promover reflexões e intervenções para “tornar as pessoas mais conscientes de si e do mundo social em que estão inseridas” (Madureira, 2013, p.57).

Nessa direção, Madureira (2013) destaca que, na contemporaneidade, existem propostas teóricas e de intervenção que contribuem para a atuação em psicologia escolar na direção de um trabalho preventivo nas escolas, embora seja um trabalho reconhecido como desafiador pelos/as autores/as que discutem esse tema. Nessa perspectiva, Madureira (2013) discute a respeito de como atividades e projetos coletivos podem promover significativas intervenções no contexto escolar a partir de uma perspectiva preventiva. Nesse aspecto, formas de estratégias para prevenção também foram apontadas nas entrevistas, bem como comentou a participante Bruna:

(...) trabalhar muito essa questão de desconstruir padrões, trabalhando a diversidade, trabalhar muito mais um autoconhecimento. Nas escolas temos muito pouco um trabalho emocional, as crianças precisam saber lidar com as emoções, as vezes em casa não é possível, então proporcionar uma educação que dê mais segurança para as crianças. Que trabalhe um pouco isso, de que as emoções são diferentes (...) acho que é necessário um olhar muito atento nas escolas com as crianças com a questão da distorção da autoimagem, e isso começa desde a infância, essa prevenção de motivar a segurança, a autoestima delas é muito importante (...)

Nessa perspectiva, a psicóloga Bruna traz uma relevante consideração a respeito de trabalhar os sentimentos e emoções com as crianças na escola. Bisquerra Alzina (2000) comenta que trabalhar os aspectos emocionais com as crianças, pode ser uma forma de prevenção ao passo em que previne ou minimiza a vulnerabilidade aos contextos adversos, possibilitando condutas construtivas e diminuindo as destrutivas em relação às diversas demandas, bem como a questão da autoimagem.

Desse modo, Madureira (2013) destaca que é fundamental estimular a construção de um espaço dialógico nas escolas, voltado à reflexão e à problematização crítica em relação a determinadas questões relacionadas a saúde mental dos indivíduos, bem como as questões a respeito da diversidade e do preconceito que geram comprometimentos a quem sofre. A autora também destaca que o trabalho do/a psicólogo/a nas escolas envolve as famílias dos/das estudantes e todos os atores escolares, a fim de que as contribuições advindas de todo o contexto social do indivíduo possam enriquecer as discussões e problematizações na prevenção de demandas que geram prejuízos aos sujeitos. O que se pode relacionar com a multidisciplinaridade, que vem se fortalecendo diante do crescente conhecimento a respeito do modelo biopsicossocial de saúde. Dessa forma, os profissionais ao se depararem com limitações diante de determinados casos, podem recorrer a profissionais de outra formação para os auxiliarem e contribuir na compreensão de tal caso (Crepaldi, 1999).

Nesse sentido, a participante Isabela ressaltou a importância da multidisciplinaridade na compreensão de algumas demandas que chegam nos consultórios de psicologia. Desse modo, Isabela comentou que:

(..) quando o fato já está acontecendo, a gente busca compreender o sentido que a pessoa deu para aquilo e a partir disso compreender o que mantém aquele comportamento que ela tá efetivando, se aquilo ali for o que está fortalecendo em outras situações a gente procura trabalhar com uma maior cautela, sendo mais cuidadosa, senão eu pontuo e encaminho para outros profissionais para estar nos auxiliando e, muitas vezes, as gente não tem o conhecimento a respeito de fins estéticos, por exemplo. Então, eu conheço meus limites e vejo quando é possível encaminhar para outro profissional. E mostrar que aqui dentro da psicoterapia vamos trabalhar as questões emocionais que a levam a ter esse tipo de atitude.

Geralmente dá certo, e nesse caso é complicado falar de prevenção porque o fato já está acontecendo, então é algo que a gente vai precisar trabalhar ali em conjunto com outros profissionais (...)

Dessa forma, foi possível perceber também que as participantes comentaram a respeito da importância de motivar a segurança, a autoestima e a compreensão da percepção do sujeito e sua autoimagem, considerando seus vazios emocionais e internos, buscando compreender seus vícios e compulsões. Nesse aspecto, a participante Bruna, comentou:

(...) então o que me preocupa nas doenças da beleza é que elas estão diretamente relacionadas às questões emocionais, vazios emocionais, vazios internos, questões mal resolvidas, da mesma forma que a compulsão alimentar é uma consequência de muitas questões emocionais e pessoais, o vício, eu chamo as doenças estéticas de vício, porque elas são uma compulsão, uma compulsão pela perfeição, pela beleza, pelo melhor, por ser mais bonito, então é um vício, e ela também tem que ser olhada como todos os vícios e compulsões. Então o que que essa pessoa tá precisando preencher que ela tá tão compulsiva em algo? O que ela tá buscando com isso? (...)

Outra forma de trabalhar a prevenção também foi comentada por duas participantes, as duas comentaram a respeito do trabalho da Psicologia em conjunto com a mídia a fim de promover campanhas ou conscientizar a população a respeito dos padrões de beleza que estão sendo disseminados. Desse modo, a participante Sofia comentou:

(...) quando eu te falei que eu gosto muito da TV como meio de comunicação, porque também tem programas que abordam questões relacionadas a padrões de beleza (...)

é uma ferramenta para a gente indicar para cliente, para depois eles trazerem uma percepção sobre o programa.

Nessa direção, a Psicóloga Luisa também comentou:

(...) no sentido de prevenção, eu penso que as massas midiáticas poderiam colaborar muito né, como já tem algumas que prezam por isso, assim como tem alguns artistas que fazem campanhas para mostrar que são pessoas normais e que nem eles correspondem a esse padrão de beleza no dia a dia (...) Mas eu acredito que a melhor prevenção seria começar pela mídia que de certa forma acaba ditando e interferindo de certa forma na nossa cultura e a partir daí trabalhar a questão da aceitação, da autoestima, da autoimagem sobre si mesmo e sobre o que ela acredita que os outros veem nela (...)

Sendo assim, é possível perceber que a Psicologia clínica considera diversos fatores externos à clínica como importantes na prevenção das doenças da beleza, embora promova suporte para o sofrimento psíquico do sujeito. Contribuições da Psicologia aplicada à educação e também da Psicologia da saúde são importantes para a compreensão e prevenção de determinadas demandas que chegam nas clínicas de Psicologia. Madureira (2013) destaca que o/a psicólogo/a, independentemente da sua área de atuação, é um/a profissional da saúde, que pode direcionar as suas ações para a promoção da saúde psicológica e bem-estar das pessoas.

Desse modo, nota-se a importância do/a psicólogo/a trabalhar a interface entre a psicologia clínica e os processos educativos e da saúde na prevenção das doenças da beleza,

além de trabalhar questões a respeito de sua autoimagem, segurança, vício, compulsões, dentre outras queixas no consultório.

5.4 A necessidade das discussões sobre as doenças da beleza na Psicologia

Ao questionar as participantes quanto ao tema a respeito da prevenção das doenças da beleza na formação em Psicologia, também não houve divergências em suas respostas. Todas as participantes afirmaram que durante a graduação, não tiveram conteúdos e disciplinas que discutissem a respeito do tema de uma forma em que as doenças não fossem categorizadas conforme o modelo biomédico. Nesse aspecto, a Psicóloga Beatriz afirmou que: “(...) *estudei as doenças de uma forma mais categorizada, não foi assim tão filosófica, que a gente vai discutir a causa, mas depende de cada faculdade, mas acredito que poderia aprofundar melhor sim.* ”(...).

Outros comentários que surgiram, foram relacionados ao aprofundamento desses temas, que se dá apenas nos cursos de pós-graduação, assim como Sofia destaca: “(...) *no curso, na minha experiência pessoal eu não vi muito, eu vim entrar em contato na minha especialização que foi na análise do comportamento (...)*”.

Nesse sentido, cabe ressaltar que as doenças da beleza podem ocorrer a partir de fatores biológicos, genéticos, ambientais e socioculturais. No entanto, percebe-se a hegemonia do modelo biomédico na compreensão e intervenção dessas doenças, até mesmo nos discursos de psicólogos/as que, muitas vezes, “se limitam à descrição de um conjunto objetivo de sintomas e comportamentos” (Pedrosa & Teixeira, 2015, p. 222).

Nesse aspecto, o modelo biomédico, reduz as doenças da beleza, muitas vezes, a descrições de diagnósticos, enfatizando determinados comportamentos, mesmo quando são relacionados a sentimentos pelos/as próprios/as pacientes, como a um mal-estar vinculado ao

seu contexto social (Pedrosa & Teixeira, 2015). Holanda (2012) comenta que a solução de problemas relacionadas a uma perspectiva de causa e efeito em relação a determinados casos, é mais frequente no imaginário de alguns alunos e até mesmo profissionais. O autor comenta que a necessidade de encontrar elementos que evidenciem determinados distúrbios ou comportamento inadequados em uma relação de causa e efeito, se sobrepõe as discussões e análises da diversidade dos processos subjetivos, pois “(...) quando há todo um receituário pronto para ser usado, não há necessidade de reflexão teórica” (Holanda, 2012, p.216).

Nesse sentido, todas as participantes comentaram que a Psicologia tem subsídios para elaborar estratégias de intervenção satisfatórias em todos os contextos da atuação do/a psicólogo/a, e que estes subsídios poderiam ser aprimorados e melhor utilizados na atuação dos profissionais referente a prevenção, bem como comenta a participante Luisa:

(...) eu penso que poderia melhorar isso sim, até porque a Psicologia tem ferramentas para isso, tem estudos e pesquisas relacionados a essa área que poderiam ser levados mais em conta, e eu acho que deveria ser fortemente abordado porque é uma questão muito forte na sociedade hoje, uma demanda muito grande na psicologia, pois as pessoas procuram muito as clínicas por conta disso, então os recém-formados em psicologia saem um pouco despreparados para lidar com essas questões (...)

Nessa direção, a psicóloga Bruna, expôs que: *As estratégias de prevenção que eu poderia sugerir seriam, muito mais materiais de pesquisa, trabalhando muito essa questão de desconstruir padrões, trabalhando a diversidade (...)*. Desse modo, a partir dos comentários das psicólogas é possível perceber a carência de discussões referentes à gênese sociocultural em relação as doenças da beleza, uma vez que os fatores socioculturais são impactantes no

desenvolvimento dessas doenças, conforme discutido anteriormente. Pedrosa e Teixeira (2015) discutem que apesar das doenças da beleza afetarem eminentemente o corpo, com sintomas físicos, tratam-se de um intenso sofrimento psíquico, onde precisa-se considerar questões subjetivas do indivíduo, compreendendo seu contexto social em que está inserido. Desse modo, percebe-se que os fatores socioculturais não são apenas detalhes no desenvolvimento dessas doenças, González Rey (2002) discute que a cultura é uma produção subjetiva organizada em uma ordem social, como um momento da ação do ser humano carregada de sentidos subjetivos que especifica seu pertencimento ela. Dessa forma, Holanda (2012) destaca que “A Psicoterapia é uma prática que necessariamente está relacionada com os aspectos sociais de constituição humana, e não com processos descolados de uma história e de uma cultura” (p.216).

Diante do exposto, é possível perceber na fala das participantes que o tema a respeito da prevenção das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea, por mais que esteja em evidência na contemporaneidade, não é muito discutido durante o curso graduação. Desse modo, cabe ressaltar, a importância do tema ser discutido de forma que essas doenças sejam compreendidas além do modelo biomédico, considerando os aspectos socioculturais e psicológicos envolvidos no contexto dos sujeitos.

Ressalta-se, que o cuidado em saúde a partir do paradigma biopsicossocial precisa de mais contribuições acadêmicas e profissionais para superar o hegemônico discurso do modelo biomédico, que não envolve uma contínua resignificação a respeito de si, do outro e do mundo, permitindo o olhar para o sujeito além da doença que apresenta (Mandú, 2004).

Considerações Finais

Nas sociedades contemporâneas, “a corpolatria” é uma marca impactante na vida das pessoas que vivem nesses “novos tempos”. A todo momento somos surpreendidos/as por novas tendências da moda, novos estilos de se viver, de modo que, cada vez mais, acreditamos em uma promessa de uma vida mais saudável associada a uma utópica “eterna juventude”, a qual estimula as pessoas a quererem adequar seus corpos de acordo com o que está sendo considerado o padrão “ideal” para a sociedade em um determinado momento.

Bauman (2001) destaca, como marcas da contemporaneidade, a impessoalidade das relações e o consumo desenfreado, que mais parece ser algo que ocorre para preencher os seres humanos de algo que lhes falta pois, na atualidade, tudo é mutável e volátil. Os corpos mudam de acordo com a moda, as cirurgias plásticas estão, cada vez mais, ocupando espaço na contemporaneidade, embora, muitas vezes, seja um sacrifício para os sujeitos, principalmente para as mulheres, devido aos meios de comunicação de massa propiciarem a perpetuação de estereótipos que excluem e exaltam determinados padrões estéticos hegemônicos, assim, aprisionando-as ao incessante olhar e julgamento do/a outro/a.

Cabe ressaltar que o aprisionamento das mulheres em relação ao olhar e julgamento do outro, principalmente, voltado para o julgamento masculino, encontra-se presente de uma forma “repaginada” na atualidade, em relação à concepção de feminino que existia nas sociedades passadas. O feminino era associado biologicamente à natureza por sua condição de procriar, considerando a mulher como uma espécie de um “homem imperfeito”, portanto, sendo submissa a ele (Laqueur, citado por Costa, 1996). Sendo assim, a sexualidade das mulheres era vigiada e controlada pelos homens, conforme discutido por Loponte (2002), ao analisar as artes visuais de tradição europeia desde o Renascimento.

Todavia, apesar dos movimentos feministas terem conquistado direitos importantes e terem contribuído para a emancipação das mulheres como cidadãs, na atualidade, ainda se encontra, na sociedade brasileira, características pertinentes à uma cultura conservadora. Dessa forma, nos tempos atuais, a mídia é uma das instâncias sociais que ainda dissemina essa ideia, com propagandas em que mulheres exibem seus corpos dentro dos padrões hegemônicos de beleza, sendo representadas, frequentemente, como objetos para satisfazer a sexualidade masculina.

Nessa direção, atualmente, a mídia em sintonia com o contexto contemporâneo, onde a imagem torna-se algo essencial na vida das pessoas, utiliza a beleza feminina para vender produtos e estilos de vida. No entanto, o padrão de beleza disseminado aparece, cada vez mais, distante da realidade. Ou seja, a mídia passou a explorar, através de propagandas, corpos femininos, cada vez, mais “anoréxicos” ou modificados por cirurgias plásticas, ocasionando, assim, insatisfação e sofrimento psíquico em muitas mulheres, por não corresponderem a este padrão de beleza hegemônico disseminado constantemente pela mídia. O que, infelizmente, contribui para a crescente incidência das doenças da beleza (Senna, 2006).

Dessa forma, a incessante busca para se adequar aos padrões de beleza hegemônicos, gera um mal-estar, por se relacionar a sacrifícios para se obter o corpo considerado “belo” pela sociedade. Nesse sentido, me chama atenção, o que as autoras Novaes e Vilhena (2003) comentam:

(...) reza o ditado popular que uma imagem vale mais do que mil palavras! Em uma cultura, com cada vez mais telas e menos páginas, as imagens passam a constituir, por si só, a realidade ao invés de retratá-la, reproduzi-la e representá-la. A imagem toma o lugar do sujeito e, sem perspectiva de si mesmo, haverá identidade possível? (p.32)

Desse modo, ao longo desta pesquisa, busquei com base em diversos/as estudiosos/as, problematizar as questões a respeito dos padrões hegemônicos de beleza relacionados à incidência das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea, buscando compreender a construção desses padrões estéticos hegemônicos e suas implicações na vida das pessoas na atualidade. Além disso, busquei compreender como a Psicologia clínica está abordando a prevenção das doenças da beleza na sociedade contemporânea, a partir das crenças e concepções de psicólogos/as clínicos/as a respeito do tema.

Ao analisar as concepções e crenças dos/as psicólogos/as clínicos/as foi possível identificar que demandas relacionadas ao aparecimento das doenças da beleza estão, cada vez, mais presentes no cotidiano dos consultórios de Psicologia. Dessa forma, as participantes ressaltaram a importância do diálogo com as outras áreas da Psicologia, bem como a psicologia aplicada aos processos educativos e à promoção da saúde, a fim de atuarem na prevenção dessas doenças. Afinal, o/a psicólogo/a, independentemente da sua área de atuação, é um/a profissional da saúde, que pode (e deve) direcionar as suas ações para a promoção da saúde psicológica e bem-estar das pessoas (Madureira, 2013). Tendo em vista que a prevenção vai além dos consultórios clínicos de psicologia, devido a esta prática estar relacionada com os aspectos sociais e culturais de constituição humana, estando inserida um momento da história e em uma cultura.

Além disso, foi possível perceber, nas entrevistas com as psicólogas clínicas, que as discussões sobre as doenças da beleza na Psicologia necessitam de análises que envolvam as questões socioculturais que permeiam a crescente incidência dessas doenças. Nesse aspecto, foi possível perceber que os discursos ancorados no modelo biomédico prevalecem em relação ao modelo biopsicossocial, que permite o olhar para o indivíduo além da doença que apresenta, considerando sua subjetividade diante do contexto social em que está inserido.

Desse modo, enquanto estudante de Psicologia e estudiosa das questões relacionadas à prevenção das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea, concluo minha pesquisa de modo a ressaltar a importância dos diálogos entre a psicologia clínica e as outras áreas da psicologia em relação aos estudos e estratégias de intervenção em uma direção contra-hegemônica aos padrões de beleza vigentes. Considerando, metaforicamente, a psicologia clínica como figura, em relação a prevenção das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea e as demais áreas da psicologia, bem como as áreas aplicadas aos processos educativos e da saúde como fundo, a fim de se complementarem no trabalho de prevenção dessas doenças, considerando a psicologia como ciência humana e não como ciência biológica ancorada no modelo biomédico. Por último, cabe mencionar que, para a realização dessa pesquisa, foi imprescindível a construção de diálogos entre a psicologia e as ciências sociais para embasar a compreensão dos aspectos socioculturais envolvidos na crescente incidência das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea.

Referências Bibliográficas

- Araújo, M. F. (2005) Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Psicol. Clin.*, 17(2), 41-52.
- Bardin, L. (2008) *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Baudrillard, J..(2010) *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70.
- Bauman, Z. (1998) *O sonho da pureza. O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed.
- Bauman, Z. (2005) *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed.
- Bauman, Z. (2008) *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. –Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro.
- Bisquerra Alzina, R (2000). *Educacion y Bienestar*. Barcelona: Praxis, S.A.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2007) *Clínica Ampliada, Equipe de Referência e Projeto Terapêutico Singular*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Bratman S.M.D. (1997). *Original essay on orthorexia*, disponível em: <http://www.orthorexia.com>
- Berger, J. (1980). *Modos de ver*. São Paulo: Martins Fontes
- Boris, G. D. J. B. & Cesídio, M. H. (2007) Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. *Rev. Mal-Estar Subj.*7 (2), 451-478.
- Bourdieu, P. (2001). *O poder simbólico*. (4. ed.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (2002). *Entrevistado por Maria Andréa de Loyola*. Rio de Janeiro: EDUERJ
- Bourdieu, P. (2005). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Carozo, M. & Zoboli, F. (2012) *A cultura na produção e proliferação dos padrões de beleza corporal feminino*. Em: IX Semana de Educação Física. Sergipe.

- Castro, A. L. de. (2003). *Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo*. São Paulo: Annablume: Fapesp.
- Ciampa, A. C. (1984) Identidade. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento* (pp. 58-75). São Paulo: Brasiliense.
- Ciampa, Antônio da Costa. (2007) *A estória do Severino e a história de Severina*. 9ª reimpr. São Paulo: Brasiliense.
- Coelho, C, N, P. (2011). Mídia e poder na sociedade do espetáculo. *Revista Cult*. São Paulo: Editora Bergantini. Ed 154.
- Corrêa, P. F.G (2013). *Corpo e Sexualidade na contemporaneidade*. III Simpósio Internacional de Educação Sexual. Maringá, Paraná.
- Costa, J. F. (1996). O referente da identidade homossexual. Em R. Parker & R. M. Barbosa (Orgs.), *Sexualidades brasileiras* (pp. 63-89). Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Crepaldi, M.A. (1999). Bioética e interdisciplinaridade: direitos de pacientes e acompanhantes na hospitalização. *Paidéia*, 9 (16), 89-94.
- Dantas, J.B (2011). Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade, *Estud.pesqui.psicol*, vol 11 (3), 898-912.
- Daolio, J. (1995). *Da cultura do corpo*. Campinas: Papirus.
- Debord, G. (1997). *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Del Priore, M. (2001). Apresentação. Em Mary Del Priore (Org.), *História das Mulheres no Brasil* (pp. 7-10). São Paulo: Editora Contexto/Editora UNESP.
- Dutra, E. (2004). Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. *Estud. psicol.* 9(2), 381-387.
- Faria, P. Shinohara, H. (1998). Transtornos alimentares. *Rev Interação*. 2 (2), 51-73
- Ferraz, S.B. e Serralta, F.B (2007). O impacto da cirurgia plástica na auto-estima. *Estud.pesqui.psicol.* 7 (3), 557-569.

- Flor, G. (2009). Corpo, mídia e status social: *reflexões sobre os padrões de beleza*. *Revista de estudos da comunicação*. 10 (23), 306.
- Freitas, S. C. (2010, setembro). Cultura, Etnografia e Imagem no Ensino de Arte Visuais. Em *19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Arte Plásticas*. Cachoeiras, Bahia.
- Freud, S. (1930). *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago.
- Galinkin, A. L. & Zauli, A. (2011). Identidade social e alteridade. Em C. V. Torres & E. R. Neiva (Orgs.), *Psicologia Social: principais temas e vertentes* (pp. 253-261). Porto Alegre: Artmed.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das Culturas*. Zahar. Rio de Janeiro: LTC
- Giroux, H. McLaren, P (1995). Por uma pedagogia crítica da representação. Em: Silva, T. T.; Moreira, A F. (org.). *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes.
- Goffman, E. (1993). *Estigma: la identidad deteriorada*. 5. ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Goldenberg, M. (2002). *Nu e Vestido: Dez Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Goellner, S. V. (2010). A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidade e o reconhecimento da diversidade. *Cadernos de Formação RBCE*, 1, 71-83.
- Gomes, R. (1994). A Análise de Dados em Pesquisa Qualitativa. Em Minayo, C.S. (Org.) *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade* (9- 80). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gomes, N. L. (2002a). Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação* 21, 40-51.
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03.pdf>

- Gomes, N. L. (2008). A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. Em: Moreira, A. F. Candau. Vera. M. (orgs). *Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gomes, N. L (2002b). *Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.
- Gonzalez Rey, F.L. (2001). *Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira.
- González Rey, F.L. (2005) *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: Os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira.
- González Rey, F.L. (2002). *Sujeito e subjetividade*. São Paulo: Thomson Learning.
- Guillebaud, J. C. (1999). *A tirania do Prazer*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Hall, S. (2011). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora.
- Holanda, A.F. (2012). Reflexões sobre o campo das psicoterapias: Do esquecimento aos desafios contemporâneos. Em: González Rey, F; Bizerril, J: Saúde, *Cultura e Subjetividade: Uma referência Interdisciplinar* - Brasília: UniCEUB, 2015. 164 p.
- Jacob, H. (2014) Redes sociais, mulheres e corpo: um estudo da linguagem fitness na rede social Instagram. *Revista Comunicare – Dossiê Feminismo* 14 (1) 89-105.
- Jesus, J; Carvalho.P; Diogo, R; Granjo, P. (2014) *O que é racismo? Cadernos de Ciências Sociais*. Lisboa: Escolar Editora.
- Jeudy, H. (2002) *O Corpo como Objeto de Arte*. Tradução Tereza Lourenço. São Paulo: Estação Liberdade.
- Joly, M. (2012) *Introdução à análise da imagem*. Trad. Marina Appenzeller. 14. ed. Campinas: Papirus.

- Junqueira, R. D. (2009). *Introdução - Homofobia nas escolas: um problema de todos*. Em R. D. Junqueira (Org.), *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas* (pp. 13-51). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO.
- Knopp, C. G. (2008, maio). A influência da mídia e da indústria da beleza na cultura de corpolatria e na moral da aparência na sociedade contemporânea. *IV Enecult - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, Salvador- Bahia.
- Le Breton, D. (2007). *A sociologia do corpo*. Petrópolis – RJ: Vozes.
- Le Breton, D. (2009). *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes.
- Lima, M. M. (2013, abril). Do corpo sob o olhar de Bourdieu ao corpo contemporâneo. Em *IV Seminário Nacional Corpo e Cultura. FE –UFG, Goiânia*.
- Loponte, L. G. (2002). Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. *Estudos Feministas*, 10(2), 283-300.
- Louro, G.L. (2000) *Pedagogia da Sexualidade*. Em Louro, G.L. (Orgs.) *O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade* (pp. 07-34). Belo Horizonte: Autêntica.
- Maciel, A. M. (2013). A Importância Da Imagem No Cenário Da Contemporaneidade: Uma Necessidade Da Educação do olhar. *Educação e cultura visual na sociedade contemporânea. Revista Temas em Educação*. 22 (1), 95-109.
- Madureira, A. F. A. (2008). *Imagens como artefatos culturais na pesquisa sobre as bases sociais e psicológicas do preconceito: uma proposta metodológica*. Pesquisa de pós-doutorado realizada pela autora em 2008 na *Facultad de Psicología da Universidad Autónoma de Madrid*, na Espanha, sob supervisão do Profº Dr. Alberto Rosa Rivero (apoio: CAPES, Brasil).

- Madureira, A. F. A. (2016). Diálogos entre a Psicologia e as Artes Visuais: as Imagens enquanto Artefatos Culturais. Em J. L. Freitas & E. P. Flores (orgs). *Arte e Psicologia Fundamentos e Práticas*. (Pp. 57-82) Curitiba: Juruá Editora.
- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2001). A pesquisa qualitativa em psicologia do desenvolvimento: questões epistemológicas e implicações metodológicas. *Temas em Psicologia*, 9 (1), 63-75.
- Madureira, A. F. A., Branco, A. U. (2007). Identidades Sexuais Não-hegemônicas: Processos Identitários e Estratégias para Lidar com o Preconceito. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 (01), 81-90.
- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2012). As raízes histórico-culturais e afetivas do preconceito e a construção de uma cultura democrática na escola. Em A. U. Branco & M. C. S. L. Oliveira (Orgs.), *Diversidade e cultura da paz na escola: contribuições da perspectiva sociocultural* (pp. 125-155). Porto Alegre: Mediação.
- Madureira, A. F. A. (2013). Psicologia Escolar na contemporaneidade: construindo “pontes” entre a pesquisa e a intervenção. In E. Tunes (Org.), *O fio tenso que une a Psicologia à Educação* (pp. 55-73). Brasília: UniCEUB. Disponível em:
http://www.bfp.uff.br/sites/default/files/servicos/documentos/o_fio_tenso_que_une_a_psicologia_a_educacao_elizabeth_tunes_1.pdf
- Madureira, B.S. (2015). As Barbies do varejo: Um estudo sobre os padrões estéticos do processo do comércio da moda carioca. *Polêm!ca*, 15 (1), 29-46.
- Malysse, S. (2002) em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. Em Goldenberg, M. (Org.). *Nu e vestido* (pp 79-137). Rio de Janeiro: Record
- Mandu, E.N.T. (2004) Intersubjetividade na qualificação do cuidado em saúde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 12 (4), 665-675.

- Manzini E. J. (1990/1991). *A entrevista na pesquisa social*. São Paulo: Didática.
- Mariuzzo, P. (2012) *Crescimento de cirurgias plásticas demonstra fusão dos conceitos de saúde e beleza*. *Cienc. Cult*, 64 (3), 13-15.
- Martins, L. C., & Branco, A. U. (2001). Desenvolvimento moral: Considerações teóricas a partir de uma abordagem sociocultural construtivista. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17 (2), 169-176.
- Martins, A. P. V. (2005). A ciência dos partos: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia científica no século XIX. *Rev. Estud. Fem.*, 13 (3) , 645-650.
- Melo, Z. M. (2000). Estigma: espaço para exclusão social. *Revista Symposium*, 4(especial), 18-22.
- Mendlowicz, E (2000). *A dor da depressão*. Rio de Janeiro: Ágora.
- Minayo, M. C. S. (2007a). O desafio da pesquisa social. Em M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 9-29). Petrópolis – RJ: Vozes.
- Moreira, A. F. B. & Câmara, M. J. (2010). Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica. Em A. F. Moreira & V. M. Candau (Orgs.), *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas* (pp. 38-66). Petrópolis - RJ: Vozes.
- Mori, V. D.; Rey, F. L. González. (2011) Reflexões sobre o social e o individual na experiência do câncer. *Psicol. Soc.* 23, 99-108.
- Myers, D.G (2014). *Psicologia Social* - Porto Alegre: 10. ed.
- Neto, P; Caponi, S. N. C. (2007) A medicalização da beleza. *Interface*. 11 (23), 569-584
- Novaes, J. V. (2006). *O intolerável peso da feiúra: Sobre as mulheres e seus corpos*. Rio de Janeiro: Garamond/Ed. PUC.
- Novaes, J. V. (2005). *Ser mulher, ser feia, ser excluída*. (versão online). Acesso em 11 de abril, 2016. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0237.pdf>

- Novaes, J.V. (2011). Beleza e feiúra. Corpo feminino e regulação social. Em: Del Priore (org.), *A História do corpo no Brasil* (pp. 477-506). São Paulo: Ed. Unesp.
- Novaes, J.V & Vilhena, J. (2003) De Cinderela à Moura Torta: reflexões sobre mulher, beleza e feiúra. *Interações, Ed. Unimarco* , 8 (15) , 09-36.
- Pedrosa, R.L; Teixeira, L.C. (2015). A perspectiva biomédica dos transtornos alimentares e seus desdobramentos em atendimentos psicológicos. *Revista USP*, 26 (2), 221 -230.
- Pérez-Nebra, A. R. & Jesus, J. G. (2011). Preconceito, estereótipo e discriminação. Em C. V. Torres & E. R. Neiva (Orgs.), *Psicologia social: principais temas e vertentes* (pp. 219-237). Porto Alegre: ArtMed.
- Sabat, R. (2001). Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. *Estudos Feministas*, 9 (1), 9-21.
- Sakamoto, C.K. (2011). Clínica psicológica: o manejo do setting e o potencial criativo. *Bol. psicol*, 61 (135), 149-157.
- Santaella, L. (2012). *Leitura de imagens*. São Paulo: Melhoramentos.
- Santos, A.M; Grossi, P.K. (2007). Mídia, Sociedade de consumo e saúde: Quando comprar torna-se um remédio. *Boletim da Saúde*, 21 (2), 61-66.
- Santos, A. M. (2016). O corpo Modelado e Generificado Como Espelho Da Contemporaneidade: Considerações A Partir Da Teoria Queer. *Demetra: Alimentação, Nutrição & Saúde*; 11 (3), 511- 520.
- Santos, B. S. (2003). *Reconhecer para libertar: Os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira
- Santos, B. S. (2013). *Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos*. Coimbra: Almedina.
- Senna, N.B. (2006). *A mulher na propaganda: Representação social e evolução*. (Trabalho de Conclusão de Curso, não publicado). Centro Universitário de Brasília, Brasília, Distrito Federal.

- Severiano, M.F et al (2010). “ O corpo idealizado de consumo: paradoxo da hipermodernidade”. *Revista Mal –Estar e Subjetividade*, 10 (1), 137-165.
- Sibilia, P. (2008) *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Silva, Margarida S. M. do M. (2010). Calça quadrada, cabeça redonda? Desenho animado na educação. Em: Carlos, J. C. (Org.). *Por uma pedagogia crítica da visualidade* (pp. 11-25). João Pessoa: Editora Universitária UFPB.
- Simon, R. (1989) *Psicologia Clínica Preventiva - Novos – Fundamentos*. São Paulo : Reeditado pela E.P.U. - Editora Pedagógica Universitária São Paulo.
- Soares-Correia, M. J.C. (2015, outubro). Corpo e beleza feminina: a construção e o consumo da imagem Midiática. Congresso Internacional de Comunicação e Consumo. Em 5º *Encontro de GTs de Pós- graduação - Comunicon*. São Paulo.
- Trindade, E. M. V.; Costa, L. F. (2009). A crise da ciência Moderna na Psicologia: reflexões sobre outras Saídas históricas, tais como a ‘Epistemologia Qualitativa’. *Comun. ciênc. Saúde*, 20(2), 167-174.
- Valsiner, J. (1998). *The guided mind*. Cambridge: Harvard University Press.
- Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da Psicologia Cultural: mundos da mente, mundos da vida*. Tradução de Ana Cecília de Sousa Bastos. Porto Alegre: Artmed.
- Velasco, K; Rivas, L. A. F; Guazina, N. M. F (2013). Acolhimento e Escuta Como Prática De Trabalho Do Psicólogo No Contexto Hospitalar. *Disciplinarum Scientia. Série: Ciências Humanas*, 13 (2), 243-255.
- Vieira, E. M. (2003). *A medicalização do corpo feminino*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Wolf, N. (1992). *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco.

- Wonsoski, W. (2015). O Conceito de Identidade em Antônio da Costa Ciampa, Zygmunt Bauman e Stuart Hall. *Encontro Anual de Iniciação Científica 4º Encontro Anual de Iniciação Científica Junior*. Maringá-Paraná.
- Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução conceitual. Em T. T. Silva (Org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (pp. 7-72). Petrópolis: Vozes.

Anexos

Anexo A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE:

“A Psicologia clínica e a prevenção das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea”

Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Pesquisadora responsável: Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira

Pesquisadora assistente: Vannini De Medeiros Mendes Ribeiro

Você está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa “A psicologia clínica e a prevenção das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea”. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. A sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se você desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade), você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida autorizar a participação, você será solicitada a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- Investigar e analisar o papel do psicólogo clínico na prevenção das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em responder uma entrevista, envolvendo a apresentação de imagens previamente selecionadas sobre o tema abordado na pesquisa. A entrevista será gravada, com o seu consentimento, a fim de facilitar o posterior trabalho de análise.
- O local de realização da entrevista será acordado entre você e a pesquisadora-assistente, de acordo com o que for mais conveniente para você.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste

estudo.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui “baixo risco”. Tais riscos são inerentes ao procedimento de entrevista.
- Medidas preventivas durante a entrevista serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, não existem respostas certas ou erradas no que se refere as perguntas apresentadas; nomes de pessoas e instituições não serão revelados.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento você não precisa realizá-lo.
- Sua participação poderá ajudar no maior conhecimento sobre o tema em questão, a psicologia clínica e a prevenção das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária, por isso você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com uma das pesquisadoras responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pela pesquisadora e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (gravação em áudio da entrevista) ficará guardado sob a responsabilidade da pesquisadora assistente com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade e será destruído após a pesquisa.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____ após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora assistente, e a outra será fornecida ao (à) senhor (a).

Brasília, ____ de _____ de _____.

Participante

Pesquisadora responsável: Ana Flávia do Amaral Madureira
Celular: (61) 99658-7755. E-mail: Madureira.ana.flavia@gmail.com

Pesquisadora assistente: Vannini De Medeiros Mendes Ribeiro,
Celular: (61) 983020505, E-mail: vannini.mribeiro@gmail.com

Endereço da responsável pela pesquisa:

Instituição: UniCEUB – Centro Universitário de Brasília

Endereço: SEPN 707/907 – Campus do UniCeub – Asa Norte

Bloco: Bloco 9 da FACES.

Bairro: Asa Norte /**CEP:** 70790-075 /**Cidade:** Brasília – DF

Telefones p/contato: (61) 3966 1200

Anexo B: Roteiro de Entrevista e imagens selecionadas

Dados Sociodemográficos

1. Idade:

Roteiro de entrevista

1. Dentre os meios de comunicação como televisão, rádio, revista e jornais, qual (quais) você mais gosta? Por quê?

2. E dentre os meios de comunicação virtuais como youtube, blogs, instagram, facebook, twitter, qual (quais) você mais gosta? Por quê?

3. O que você acha que a sociedade, em um sentido geral, e os grupos que você convive em seu cotidiano pensam sobre a aparência física?

4. Você acha que a aparência física é importante para obter status social, ou não? Por quê?

5. Para você, existe um padrão de corpo ideal, ou não? Por quê? Você faria algo para corresponder a este padrão, ou não? Se sim, o que faria?

6. Qual a sua percepção a respeito da incidência das doenças da beleza da contemporaneidade?

7. Como profissional de Psicologia, qual a sua percepção a respeito da prevenção destas doenças?

8. No contexto da Psicologia clínica, caso chegasse um (a) cliente com a demanda de não aceitação da autoimagem, fazendo o uso de medicamentos para “melhorar” a pele sem algum motivo aparente. Em sua opinião como ocorreria esse processo de prevenção?

9. Qual a sua percepção a respeito da abordagem do tema prevenção das doenças da beleza na contemporaneidade na formação acadêmica em psicologia?

10- Se você pudesse sugerir estratégias de prevenção das doenças da beleza na formação dos futuros psicólogos/as, como seria?

11. Se você pudesse escolher ser uma dessas pessoas...



12. Qual você seria? Por quê?

13. Qual você não seria? Por quê?

14. Gostaria de acrescentar algo mais?

Anexo C: Parecer de aprovação do Comitê de Ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A psicologia clínica e a prevenção das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea

Pesquisador: Ana Flávia do Amaral Madureira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 59154016.7.0000.0023

Instituição Proponente: Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.750.907

Apresentação do Projeto:

O objetivo geral deste projeto de pesquisa é investigar e analisar o papel do psicólogo clínico na prevenção das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea. Em termos metodológicos, será utilizada uma metodologia de investigação qualitativa mediante a realização de entrevistas semiestruturadas, que serão realizadas individualmente com seis psicólogos(as) clínicos(as), de forma integrada à apresentação de imagens previamente selecionadas sobre a temática focalizada na pesquisa. Os(as) 6 participantes serão selecionados(as) via rede social da pesquisadora assistente. Serão utilizados como materiais, um gravador de áudio e um ipad. Como instrumentos serão utilizados, um roteiro de entrevista constituído por catorze perguntas abertas, dez imagens previamente selecionadas e o TCLE impresso para cada participante. É importante destacar que todos(as) participantes serão pessoas maiores de idade, que não fazem parte de populações vulneráveis e que serão selecionados(as) via rede social da pesquisadora assistente e não via instituição. Será mantido o sigilo em relação à identidade pessoal dos(as) participantes e todos(as) receberão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de acordo com o modelo disponibilizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília (CEP UniCEUB).

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.110, 1º andar
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 70.790-075
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

Continuação do Parecer: 1.750.907

Objetivo da Pesquisa:

Investigar e analisar o papel do psicólogo clínico na prevenção das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo os pesquisadores, este estudo possui "baixo risco". Tais riscos são inerentes ao procedimento de entrevista. Medidas preventivas durante a entrevista serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, os(as) participantes serão informados(as) que não existem respostas certas ou erradas no que se refere às perguntas apresentadas; será enfatizado que os nomes de pessoas e instituições mencionadas na entrevista não serão revelados. Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, o(a) participante não precisa realizá-lo. Quanto aos benefícios pretende-se contribuir com a construção de conhecimentos mais aprofundados sobre o tema questão: a psicologia clínica e a prevenção das doenças da beleza na sociedade brasileira contemporânea.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa interessante e de importância no estudo da psicologia. A metodologia tem coerência e está voltada para o atendimento do objetivo e o cronograma está de acordo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos estão apresentados conforme solicitado pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Recomendações:

O CEP-UniCEUB ressalta a necessidade de desenvolvimento da pesquisa, de acordo com o protocolo avaliado e aprovado, bem como, atenção às diretrizes éticas nacionais quanto aos incisos XI.1 e XI.2 da Resolução nº 466/12 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto:

XI.1 - A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais.

XI.2 - Cabe ao pesquisador:

- c) desenvolver o projeto conforme delineado;
- d) elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
- e) apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento;
- f) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade.

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.110, 1º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3986-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB**



Continuação do Parecer: 1.750.907

- por um período de 5 anos após o término da pesquisa;
- g)encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; e
- h)justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Observação: Ao final da pesquisa enviar Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento. O modelo do relatório encontra-se disponível na página do UniCEUB

http://www.uniceub.br/instituicao/pesquisa/ins030_pesquisacomitebio.aspx, em Relatório de Finalização e Acompanhamento de Pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto se encontra apto a ser iniciado, conforme aprovação do colegiado do CEP, em consonância com o parecer do relator.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo previamente avaliado por este CEP, com parecer N° 1.718.272/2016, tendo sido homologado na 15ª Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB, em 09 setembro de 2016.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_778977.pdf	23/08/2016 23:39:45		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_plataforma.pdf	23/08/2016 23:37:26	Vannini De Medeiros Mendes Ribeiro	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_de_monografia_plataforma_brasil.docx	23/08/2016 04:06:02	Vannini De Medeiros Mendes Ribeiro	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento.docx	23/08/2016 04:03:28	Vannini De Medeiros Mendes Ribeiro	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.110, 1º andar
 Bairro: Setor Universitário CEP: 70.790-075
 UF: DF Município: BRASÍLIA
 Telefone: (61)3986-1511 E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 1.750.907

Não

BRASILIA, 28 de Setembro de 2016

Assinado por:
Marilia de Queiroz Dias Jacome
(Coordenador)

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.110, 1º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3986-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

